

www.nead.unama.br



Universidade da Amazônia

A Harpa do Crente de Alexandre Herculano

**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA** Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal
CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

A Harpa do Crente
de Alexandre Herculano

1837

A SEMANA SANTA

*Der Gedanke Gott weckt einen
fürchterlichen Nachhar auf. Sein Name heisst
Richter.*

SCHILLER

I

Tíbio o sol entre as nuvens do ocidente,
Já lá se inclina ao mar. Grave e solene
Vai a hora da tarde! O oeste passa
Mudo nos troncos da alameda antiga,
Que à voz da Primavera os gomos
brota:
O oeste passa mudo, e cruza o átrio
Pontiagudo do templo, edificado
Por mãos duras de avós, em
monumento
De uma herança de fé que nos legaram,
A nós seus netos, homens de alto
esforço,
Que nos rimos da herança, e que
insultamos
A Cruz e o templo e a crença de outras
eras;
Nós, homens fortes, servos de tiranos,
Que sabemos tão bem rojar seus ferros
Sem nos queixar, menosprezando a

Pátria
E a liberdade, e o combater por ela.
Eu não! – eu rujo escravo; eu creio e
espero
No Deus das almas generosas, puras,
E os déspotas maldigo. Entendimento
Bronco, lançado em século fundido
Na servidão de gozo ataviada,
Creio que Deus é Deus e os homens
livres!

II

Oh, sim! – rude amador de antigos
sonhos,
Irei pedir aos túmulos dos velhos
Religioso entusiasmo; e canto novo
Hei-de tecer, que os homens do futuro
Entenderão; um canto escarnecido
Pelos filhos dest' época mesquinha.
Em que vim peregrino a ver o mundo,
E chegar a meu termo, e reclinar-me
À branda sombra de cipreste amigo.

III

Passa o vento os do pórtico da igreja
Esculpidos umbrais:
correndo as naves

Sussurrou, sussurrou
entre as colunas
De gótico labor: no órgão do coro
Veio, enfim, murmurar e esvaecer-se.

IV

Mas porque sou o
vento? Está deserto,
Silencioso ainda o
sacro templo:
Nenhuma voz humana ainda recorda
Os hinos do Senhor. A natureza
Foi a primeira em celebrar seu nome
Neste dia de luto e de saudade!
Trevas da quarta-feira, eu vos saúdo!
Negras paredes, mudos monumentos
De todas essas orações de mágoa,
De gratidão, de susto ou de esperança.

Depositadas ante vós nos dias
De fervorosa crença, a vós que enluta
A solidão e o dó,
venho eu saudar-vos.
A loucura da Cruz não
morreu toda (1) Após
dezoito séculos! Quem
chore

Do sofrimento o Herói existe ainda.

Eu chorarei – que as
lágrimas são dó homem –
Pelo Amigo do povo,

assassinado
Por tiranos, e hipócritas, e turbas
Envilecidas, bárbaras, e servas.

V

Tu, Anjo do Senhor, que
acendes o estro; Que no
espaço entre o abismo e os
céus vagueias, Donde
mergulhas no oceano a vista;
Tu que do trovador à mente arrojas
Quanto há nos céus
esperançoso e belo,
Quanto há no abismo
tenebroso e triste,
Quanto há nos mares
majestoso e vago,
Hoje te invoco! – oh, vem! –,
lança em minha alma A
harmonia celeste e o fogo e o
gênio, Que dêem vida e vigor
a um carne pio.

VI

A noite escura desce: o Sol de todo
Nos mares se atufou. A luz dos mortos,

Dos brandões o clarão,

fulgura ao longe No
cruzeiro somente e em
volta da ara: E pelas
naves começou ruído
De compassado
andar. Fiéis acodem À
morada de Deus, a
ouvir queixumes Do
vate de Sião. Em breve
os monges,
Suspirosas canções aos
Céus erguendo, Sua
voz unirão à voz desse
órgão, E os sons e os
ecos reboarão no
templo. Mudo o coro
depois, neste recinto
Dentro em bem pouco
reinará silêncio, O
silêncio dos túmulos, e
as trevas Cobrirão por
esta área a luz escassa
Despedida das
lâmpadas. que pendem
Ante os altares,
bruxuleando frouxas.

Imagem da existência!
Enquanto passam Os
dias infantis, as paixões
tuas, Homem, qual

então és, são débeis
todas. Cresceste: ei-las
torrente, em cujo dorso
Sobrenadam a dor e o
pranto e o longo Gemido
do remorso, a qual
lançar-se Vai com rouco
estridor no antro da
morte, Lá, onde é tudo
horror, silêncio, noite. Da
vida tua instantes
florescentes Foram dois,
e não mais: as cãs e
rugas, Logo, rebate de
teu fim te deram. Tu
foste apenas som, que,
o ar ferindo, Murmurou,
esqueceu, passou no
espaço.

E a casa do Senhor
ergueu-se. O ferro
Cortou a penedia; e o
canto enorme Polido
alveja ali no espesso
pano Do muro colossal,
que era após era, Como
onda e onda ao
desdobrar na areia, Viu
vir chegando e
adormecer-lhe ao lado.

O ulmo e o choupo no
cair rangeram Sob o
machado: a trave
afeiçoou-se; Lá no cimo
pousou: restruge ao
longe De martelos fragor,
e eis ergue o templo, Por
entre as nuvens,
bronzeadas grimpas.

Homem, do que és
capaz! Tu, cujo alento
Se esvai, como da cerva
a leve pista No pó se
apaga ao respirar da
tarde,
Do seio dessa terra em
que és estranho, Sair
fazes as moles
seculares,
Que por ti, mono,
fales; dás na idéia
Eterna duração às
obras tuas.

Tua alma é imortal, e a prova a deste!

ressoando As pisadas
dos monges ouço: eis
entram; Eis se curvaram
paru o chão, beijando O
pavimento, a pedra. Oh,
sim, beijai-a! Igual vos
cobrirá a cinza um dia,
Talvez em breve – e a
mim. Consolo ao morto É a
pedra do túmulo. Sê-lo-ia
Mais, se do justo só a
herança fora; Mas
também ao malvado é
dada a campa.

E o criminoso dormirá quieto
Entre os bons soterrado?
Oh, não! Enquanto No
templo ondeiam
silenciosas turbas,
Exultarão do abismo os
moradores, Vendo o
hipócrita vil, mais ímpio
que eles, Que escarnece
do Eterno, e a si se
engana; Vendo o que
julga que orações apagam
Vícios é crimes. e o
motejo e o riso Dado em
resposta às lágrimas do
pobre; Vendo os que

nunca ao infeliz disseram
De consolo palavra ou de
esperança. Sim: malvados
também hão-de pisar-lhes
Os frios restos que separa
a terra,

Um punhado de terra,
a qual os ossos Destes
há-de cobrir em tempo
breve, Como cobriu os
seus; qual vai sumindo
No segredo da campa
a humana raça.

VIII

Eis que a turba rareia.
Ermam bem poucos Do
templo na amplidão: só lá
no escuro De afumada
capela o justo as preces
Ergue pio ao Senhor, as
preces puras De um
coração que espera, e não
mentidas De lábios de
impostor, que engana os
homens Com seu meneio
hipócrito, calando Na alma
lodosa da blasfêmia o grito.
Então exultarão os bons, e
o ímpio, Que passou,
tremerá. Enfim, de vivos,

Da voz, do respirar o som
confuso

Vem confundir-se no
ferver das praças, E
pela galilé só ruge o
vento.

Em trevas não, ficou silenciosas
O sagrado recinto: os candeeiros,
No gelado ambiente
ardendo a custo,
Espalham débeis raios,
que refletem Das
pedras pela alvura; o
negro mocho,

5

www.nead.unama.br

Companheiro do morto, hórrido pio
Solta lã da cornija: pelas fendas
Dos sepulcros desliza
fumo espesso; Ondeia
pela nave, e esvai-se.
Longo Suspirar não se
ouviu? Olhai!, lá se
erguem, Sacudindo o
sudário, em peso os
morros! Mortos, quem vos
chamou? O som da tuba
Ainda do Josafat não fere
os vales.

Dormi, dormi: deixai

passar as eras... IX

Mas foi uma visão: foi como cena

D' imaginar febril. Criou-se, acaso

Do poeta na mente,

ou desvendou-lhe A

mão de Deus o íntimo

ver da alma, Que

devassa a existência

misteriosa

Do mundo dos

espíritos? Quem

sabe? Dos vivos já

deserta, a igreja torva

Repovoou-se, para mim ao menos,

Dos extintos, que ao pé

das santas aras Leito

comum na sonolência

extrema Buscaram. O

terror, que arreda o

homem Do limiar do

tempo às horas mortas,

Não vem de crença vã.

Se fulgem astros, Se a

luz da Lua estira a

sombra eterna Da cruz

gigante (que campeia

erguida No vértice do

tímpano, ou no cimo

Do coruchéu do
campanário) ao longo
Dos inclinados tectos,
afastai-vos!
Afastai-vos daqui, onde se passam
A meia-noite insólitos mistérios;
Daqui, onde desperta a
voz do arcanjo Os
dormentes da morte;
onde reúne O que foi
forte e o que foi fraco, o
pobre E o opulento, o
orgulhoso e o humilde,
O bom e o mau, o
ignorante e o sábio,
Quantos, enfim,
depositar vieram
!unto do altar o que
era seu no mundo, Um
corpo nu, e corrompido
e inerte.

X

E seguia a visão. Cria
ainda achar-me, Alta
noite, na igreja solitária
Entre os mortos, que,
erectos sobre as campas,
Eram •á pouco um fumo
que ondeava Pelas físgas
do vasto pavimento.

Olhei. Do erguido tecto
o pano espesso
Rareava; rareava-me
ante os olhos,

6

www.nead.unama.br

Como tênue cendal; mais
tênue ainda, Como o
vapor de Outono em
quarto d'alva, Que se
libra no espaço antes
que desça A consolar as
plantas conglobado
Em matutino orvalho. O
firmamento Era
profundo e amplo.
Envolto em glória,
Sobre vagas de nuvens,
rodeado
Das legiões do Céu, o
Ancião dos dias, O
Santo, o Deus descia.
Ao sumo aceno Parava
o tempo, a imensidade,
a vida Dos mundos a
escutar. Era esta a hora
Do julgamento desses
que se alçavam, À voz
de cima, sobre as

sepulturas?

XI

Era ainda a visão. Do
templo em meio Do
anjo da morte a
espada flamejante
Crepitando bateu.
Bem como insetos,
Que à flor de pego
pantanosos e tristes

Se balouçavam –
quando a tempestade
Veio as asas molhar
nas águas turvas, Que
marulhando
sussurraram – surgem
Volteando, zumbindo em
dança doida, E, lassos,
vão pousar em longas filas
Nas margens do paul, de
um lado e de outro; Tal o
murmúrio e a agitação
incerta Ciciava das
sombras remoinhando
Ante o sopro de Deus. As
melodias Dos coros
celestiais, longínquas,
frouxas, Com frêmito
infernais se misturavam Em
caos de dor e júbilo.

Dos mortos
Parava, enfim, o vórtice
enredado; E os grupos
vagos em distintas turmas
Se enfileiravam de uma
parte e de outra. Depois, o
gládio do anjo entre os
dois bandos Ficou, única
luz, que se estirava
Desde o cruzeiro ao
pórtico, e feria De
reflexo vermelho os
largos panos Das
paredes de mármore,
bem como
Mar de sangue, onde
inertes flutuassem De
humanos vultos
indecisas formas.

XII

E seguia a visão. Do
templo à esquerda,
Mestas as faces,
inclinada a fronte, Da
noite as larvas tinham
sobre o solo Fito o
espantado olhar, e as
dilatadas

Baças pupilas lhes tingia o susto.

Mas, como zona
lúcida de estrelas,
Nessa atmosfera
crassa e afogueada
Pela espada rubente,
refulgiam

Da direita os espíritos, banhado
De inenarrável
placidez seu gesto.

Era inteiro o
silêncio, e no
silêncio Uma voz
ressoou: «Eleitos,
vinde! Ide,
precitos!» Vacilava a
Terra,
E ajoelhando eu me

curvei tremendo. XIII

Quando me ergui e
olhei, no céu profundo
Um rastilho de luz pura e
serena

Se ia embebendo
nesses mares de orbes
Infinitos, perdidos no
infinito,

A que chamamos o
universo. Um hino De
saudade e de amor,
quase inaudível,
Parecia romper desde
as alturas

De tempo a tempo.
Vinha como envolto
Nas lufadas do vento,
até perder-se Em
sossego mortal.

O curvo tecto
Do templo, então, se
condensou de novo, E
para a Terra o meu olhar
volveu-se. Da direita os
espíritos radiosos
Já não estavam lá.

Chispando a espaços,
Qual o ferro na incude, a
espada do anjo O
mortiço rubor mandava.
apenas, D'aurora boreal
quando se extingue.

XIV

Prosseguia a visão. Da
esquerda às sombras
Ansiava o seio a dor:
tinham no gesto Impressa
a maldição, que lhes

se cara Eternamente a
seiva da esperança.

Como se vê, em noite
estiva e negra, Cintilar
sobre as águas a
ardentia, Dumas fronte
às outras vagueavam
Cerúleos lumes no
esquadrão dos mortos, E
ao estalar das lousas,
grito imenso
Subterrâneo, abafado e
delirante,

Inefável compêndio de agonias,
Misturado se ouviu com
rir do Inferno, E a visão
se desfez. Era ermo o
templo: E despertei do
pesadelo em trevas.

XV

Era loucura ou sonho?
Entre as tristezas E os
terrores e angústias,
que resume Neste dia e
lugar a avita crença,
Irresistível força arrebatou-me

Da sepultura a devassar
segredos, Para dizer:
»Tremei! Do altar à
sombra Também há mau
dormir de sono extremo!»

A justiça de Deus
visita os mortos,
Embora a cruz da
redenção proteja A
pedra tumular;
embora a hóstia Do
sacrifício o
sacerdote eleve
Sobre as vizinhas aras.
Quando a igreja
Rodeiam trevas, solidão
e medos, Que a
resguardam coas asas
acurvadas Da vista do
que vive, a mão do
Eterno Separa o joio ao
bom grão e arroja Para
os abismos a ruim
semente.

XVI

Não! – não foi sonho vão,
vago delírio De imaginar
ardente. Eu fui levado,
Galgando além do tempo,

às tardas horas, Em que
se passam cenas de
mistério, Para dizer:
«Tremei! Do altar à
sombra Também há mau
dormir de sono extremo!»

Vejo ainda o que vi: da sepultura
Ainda o hálito frio me enregela
O suor do pavor na
fronte; o sangue
Hesita imoto nas
inertes veias;
E embora os lábios
murmurar não ousem,
Ainda, incessante, me
repete na alma Íntima
voz: «Tremei! Do altar à
sombra Também há mau
dormir de sono extremo!»

XVII

Mas troa a voz do monge,
e, enfim, desperto O
coração bateu. Eia,
retumbem
Pelos ecos do templo os
sons dos salmos. Que
em dia de aflição ignoto
vate Teceu (2), banhado
em dor. Talvez foi ele O

primeiro cantor que em
várias cordas, À sombra
das palmeiras da
Idumeia, Soube entoar
melodioso um hino. Deus
inspirava então os
trovadores

9

www.nead.unama.br

Do seu povo querido, e a Palestina,
Rica dos meigos dons da natureza.
Tinha o ceptro,
também, do
entusiasmo. Virgem o
gênio ainda, o estro
puro
Louvava Deus somente,
à luz da aurora, E ao
esconder-se o Sol entre
as montanhas De
Bethoron (3). Agora o
gênio é morto Para o
Senhor, e os cantos
dissolutos De lodoso
folguedo os ares
rompem,
Ou sussurram por paços de tiranos,
Asselados de pútrida lisonja,

Por preço vil, como o
cantor que os tece.

XVIII

O SALMO (4)

Quando é grande o meu
Deus!... Té onde chega O
seu poder imenso!
Ele abaixou os céus.
desceu, calcando Um
nevoeiro denso.
Dos querubins nas asas radiosas
Librando-se, voou;
E sobre turbilhões de rijo vento
O mundo rodeou.
Ante o olhar do
Senhor vacila a Terra,
E os mares
assustados
Bramem ao longe, e os
montes lançam fumo, Da
sua mão tocados.
Se pensou no universo, ei-lo patente
Ante a face do eterno:
Se o quis, o
firmamento os seios
abre, Abre os seios o
Inferno.

Dos olhos do Senhor,
homem, se podes.
Esconde-te um
momento:
Vê onde encontrarás lugar que fique
Da sua vista isento:
Sobe aos Céus, transpõe
mares, busca o abismo, Lá
teu Deus há-de achar;
Ele te guiará, e a destra sua
Lá te há-de sustentar:
Desce à sombra da
noite, e no seu manto
Envolver-te procura...
Mas as trevas para ele
não são trevas, Nem é
a noite escura.
No dia do furor, em vão buscaras
Fugir ante o Deus forte,
Quando do arco
tremendo, irado, impele
Seta em que pousa a
morte.
Mas o que o teme dormirá tranquilo

No dia extremo seu,
Quando na campa se
rasgar da vida Das

ilusões o véu.

XIX

Calou-se o monge:
sepulcral silêncio À
sua voz seguiu-se.

Uma toada
De órgão rompeu do coro
(5). Assemelhava O
suspiro saudoso, e os ais
de filha, Que chora
solitária o pai, que dorme
Seu último, profundo e
eterno sono. Melodias
depois soltou mais doces.
O severo instrumento: e
ergueu-se o canto, O
doloroso canto do
profeta,
Da pátria sobre o fado.
Ele, que o vira,
Sentado entre ruínas,
contemplando Seu
avito esplendor, seu
mal presente, A queda
lhe chorou. Lá na alta
noite, Modulando o
Nébel (6), via-se o vate
Nos derribados
pórticos, abrigo
Do imundo stélio (7) e

gemedora poupa.
Extasiado – e a lua
cintilando

Na sua calva fronte,
onde pesavam Anos
e anos de dor. Ao
venerando Nas
encovadas faces
fundos regos

Tinham aberto as
lágrimas. Ao longe, Nas
margens do Cédron, a rã
grasnando (8) Quebrava
a paz dos túmulos. Que
túmulo Era Sião! – o
vasto cemitério

Dos fortes de Israel.
Mais venturosos Que
seus irmãos, morreram
pela pátria; A pátria os
sepultou dentro em seu
seio.

Eles, em Babilônia, aos
punhos ferros, Passam de
escravos miseranda vida,
Que Deus pesou seus
crimes, e. ao pesá-los, A
destra lhe vergou. Não
mais no templo A nuvem
repousara, e os céus de
bronze Dos profetas aos

rogos se amostravam. O
vate de Anatoth (9) a voz
soltara Entre o povo infiel,
de Eloha em nome (10):
Ameaças, promessas,
tudo inútil;
De bronze os corações
não se dobraram.
Vibrou-se a maldição.
Bem como um sonho,
Jerusalém passou: sua
grandeza
Somente existe em
derrocadas pedras. O
vate de Anatoth, sobre
seus restos, Com triste
canto deplorou a pátria.
Hino de morte alçou:
da noite as larvas O
som lhe ouviram:
'squálido esqueleto,

11

www.nead.unama.br

Rangendo os ossos,
dentre a hera e musgos
Do pórtico do templo
erguia um pouco,
Alvejando, a caveira.
Era-lhe alívio Do sagrado

cantor a voz suave
Desferida ao luar, triste, no meio
Da vasta solidão
que o circundava. O
profeta gemeu: não
era o estro,
Ou o vívido júbilo que outrora
Inspirara Moisés (11):
o sentimento Foi sim
pungente de silêncio
e morte, Que da
pátria lhe fez sobre o
cadáver
A elegia da noite
erguer e o pranto
Derramar da
esperança e da
saudade.

XX

A LAMENTAÇÃO (12)

Como assim jaz e
solitária e queda
Esta cidade outrora
populosa!
Qual viúva, ficou e tributária
A senhora das gentes.
Chorou durante a noite;
em pranto as faces,
Sozinha, entregue á dor,

nas penas suas Ninguém
a consolou: os mais
queridos Contrários se
tornaram.

Ermas as praças de
Sião e as ruas,
Cobre-as a verde
relva: os sacerdotes
Gemem; as virgens
pálidas suspiram
Envoltas na amargura.

Dos filhos de Israel
nas cavas faces Está
pintada a macilenta
fome;

Mendigos vão pedir,
pedir a estranhos, Um
pão de infâmia eivado.
O trémulo ancião, de
longe, os olhos Volve
a Jerusalém, dela
fugindo:

Vê-a, suspira, cai, e
em breve expira Com
seu nome nos lábios.
Que horror! – ímpias as
mães os tenros filhos
Despedaçaram: bárbaras
quais tigres, Os
sanguinosos membros
palpitantes No ventre

sepultaram.
Deus, compassivo olhar
volve a nós tristes: Cessa
de Te vingar! Vê-nos
escravos, Servos de
servos em país estranho.
Tem dó de nossos males!
Acaso serás Tu
sempre inflexível?
Esqueceste de todo
a nação tua?
O pranto dos Hebreus
não Te comove? És
surdo a seus
lamentos?

12

www.nead.unama.br

XXI

Doce era a voz do
velho: o som do Nablo
Sonoro: o céu sereno:
clara a Terra Pelo
brando fulgor do astro
da noite: E o profeta
parou. Erguidos tinha
Os olhos parou o céu,
onde buscava Um
raio de esperança e
de conforto: E ele

calara já, e ainda os
ecos,
Entre as ruínas
sussurrando, ao longe
lam os sons levar de
seus queixumes.

XXII

Choro piedoso, o choro
consagrado Às desditas
dos seus. Honra ao
profeta: Oh, margens do
Jordão, país formoso Que
fostes e não sois, também
suspiro Condoído vos dou.
Assim fenecem Impérios,
reinos, solidões
tornados!... Não: Nenhum
deste morto: o peregrino
Pára em Palmira e pensa.
O braço do homem A
sacudiu à Terra, e fez
dormissem O seu último
sono os filhos dela –
E ele o veio dormir
pouco mais longe...
Mas se chega a Sião
treme, enxergando
Seus lacerados restos.
Pelas pedras, Aqui e ali
dispersas, ainda escrita

Parece ver-se uma
inscrição de agouros, Bem
como aquela que alertou
um ímpio (13), Quando,
no meio de ruidosa festa,
Blasfemava dos Céus, e
mão ignota O dia extremo
lhe apontou dos crimes. A
maldição do Eterno está
vibrada

Sobre Jerusalém!
Quanto é terrível A
vingança de Deus!

O Israelita,
Sem pátria e sem
abrigo, vagabundo,
Ódio dos homens,
neste mundo arrasta
Urna existência mais
cruel que a morte,
E que vem terminar a
morte e inferno.

Desgraçada nação!

Aquele solo
Onde manava o mel, onde
o carvalho, O cedro e a
palma o verde ou claro ou
torvo, Tão grato à vista,
em bosques misturavam;
Onde o lírio e a cecém
nos prados tinham

Crescimento espontâneo
entre as roseiras, Hoje,
campo de lágrimas, só
cria
Humilde musgo de escavados cerros
(14).

13

www.nead.unama.br

XXIII

Ide vós a Mambré (15).
Lá, bem no meio De um
vale, outrora de verdura
ameno, Erguia-se um
carvalho majestoso.
Debaixo de seus ramos largos dias
Abraão repousou. Na Primavera
Vinhão os moços
adornar-lhe o tronco (16)
De capelas cheirosas de
boninas,
E coreias gentis traçar-lhe
em roda. Nasceu com o
orbe a planta venerável, Viu
passar gerações, julgou
seu dia Final fosse o do
mundo, e quando airoso
Por entre as densas nuvens
se elevava, Mandou o

Nume aos aquilões
rugissem. Ei-la por terra! As
folhas, pouco a pouco,
Murcharam-se caindo, e o
rei dos bosques Serviu de
pasto aos tragadores
vermes. Deus estendeu a
mão: no mesmo instante A
vinha se mirrou: junto aos
ribeiros Da Palestina os
plátanos frondosos Não
mais cresceram, como
dantes, belos: O armento,
em vez de relva, achou nos
prados Somente ingratas,
espinhosas urzes. No
Gólgota plantada, a Cruz
clamara (17) «Justiça!» A
tal clamor hórrido espectro
No Moriá surgiu (18). Era
seu nome Assolação. E,
despregando um grito, Caiu
com longo som de um povo
a campa. Assim a herança
de Judá, outrora
Grata ao Senhor,
existe só nos ecos Do
tempo que já foi, e que
há passado Como
hora de prazer entre
desditas.

XXIV

Minha pátria onde existe?

É lá somente!

Oh, lembrança da
Pátria acabrunhada
Um suspiro também tu
me hás pedido; Um
suspiro arrancado aos
seios d'alma

Pela ofuscada glória, e
pelos crimes Dos
homens que ora são, e
pelo opróbrio Da mais
ilustre das nações da
Terra!

A minha triste pátria era tão bela,
E forte, e virtuosa!, e ora
o guerreiro E o sábio e o
homem bom acolá
dormem, Acolá, nos
sepulcros esquecidos,
Que a seus netos infames nada contam

14

www.nead.unama.br

Da antiga honra e pudor
e eternos feitos. O
escravo português
agrilhado

Carcomir-se lhes deixa
junto às lousas Os
decepadros troncos
desse arbusto, Por
mãos deles plantado à
liberdade, E por
tiranos derribado em
breve,

Quando pátrias
virtudes se acabaram,
Como um sonho da
infância!...

O vil escravo,
Imerso em vícios, em
bruteza e infâmia, Não
erguerá os macerados
olhos

Para esses troncos, que
destroem vermes Sobre
as cinzas de heróis, e,
aceso em pejo, Não
surgirá jamais? Não há na
Terra Coração português
que mande um brado De
maldição atroz, que vá
cravar-se Na vigília e no
sono dos tiranos,
E envenenar-lhes o
prazer por noites De vil
prostituição, e em seus
banquetes De

embriaguez lançar fel e
amarguras?

Não! Bem como um
cadáver já corrupto, A
Nação se dissolve: e
em seu letargo O povo,
envolto na miséria,
dorme.

XXV

Oh, talvez. como o vate,
ainda algum dia Terei de
erguer à Pátria hino de
morte, Sobre seus mudos
restos vagueando! Sobre
seus restos? Nunca!
Eterno, escuta Minhas
preces e lágrimas: sé em
breve, Qual jaz Sião,
jazer deve Ulisseia; Se o
anjo do extermínio há-de
riscá-la Do meio das
nações, que dentre os
vivos Risque também
meu nome, e não me
deixe Na Terra vaguear,
órfão de pátria.

XXVI

Cessou da noite a grão

solenidade Consagrada à
tristeza e a memorandas
Recordações: os monges
se prostraram, A face
unida à pedra. A mim, a
todos, Correm dos alhos
lágrimas suaves De
compunção. Ateu, entra
no templo: Não temas
esse Deus, que os lábios
negam E o coração
confessa. A corda do arco
Da vingança, em que a
morte se debruça, Frouxa
está; Deus é bom: entra
no templo.

15

www.nead.unama.br

Tu, para quem a morte
ou vida é forma, Forma
somente de mais puro
barro, Que nada crês, e
em nada esperas, olha,
Olha o conforto do
cristão. Se o cálix Da
amargura a provar os
Céus lhe deram, Ele se
consolou: bálsamo santo
Piedosa fé no coração lhe verte.

«Deus compaixão terá!»
Eis seu gemido: Porque a
esperança lhe sussurra
em torno: «Aqui, ou lá... a
Providência é justa.»

Ateu, a quem o mal fizera
escravo, Teu futuro qual
é? Quais são teus
sonhos? No dia da
aflição emudeceste
Ante o espectro do mal.
E a quem alçaras O
gemente clamor? Ao
mar, que as ondas Não
altera por ti? Ao ar, que
some Pela sua amplidão
as queixas tuas? Aos
rochedos alpestres, que
não sentem, Nem sentir
podem teu gemido inútil?
Tua dor, teu prazer,
existem, passam, Sem
porvir, sem passado e
sem sentido. Nas
angústias da vida, o teu
consolo O suicídio é só,
que te promete
Rica messe de gozo, a
paz do nada! E ai de ti,
se buscaste, enfim,

repouso, No limiar da
morte indo assentar-te!
Ali grita uma voz no
último instante Do
passamento: a voz
aterradora
Da consciência é ela. E
hás-de escutá-la Mau
grado teu: e tremerás em
sustos, Desesperado aos
Céus erguendo os olhos
Irados, de través,
amortecidos;
Aos Céus, cujo
caminho a Eternidade
Coa vagarosa mão te
vai cerrando, Para
guiar-te à solidão das
dores, Onde maldigas
teu primeiro alento,
Onde maldigas teu
extremo arranco,
Onde maldigas a
existência e a morte.

XXVII

Calou tudo no templo: o
céu é puro, A tempestade
ameaçadora dorme. No
espaço imenso os astros
cintilantes O rei da criação

louvam com hinos, Não
ouvidos por nós nas
profundezas Do nosso
abismo. E aos cantos do
universo, Ante milhões de
estrelas, que recamam O
firmamento, ajuntará seu
canto

16

www.nead.unama.br

Mesquinho trovador? Que vale uma
haspa

NOTAS

Eis o poema da minha mocidade: são os únicos versos que conservo desse tempo, em que nada neste mundo deixava para mim de respirar poesia. Se hoje me dissessem: faz um poema de quinhentos versos acerca da Semana Santa. eu olharia ao primeiro aspecto esta proposição como um absurdo: entretanto, eu mesmo há nove anos realizei esse absurdo. Não é esta a primeira das minhas contradições, e espero em Deus, e na minha sincera consciência, que não seja a última.

Quando compus estes versos, ainda eu possuía toda a vigorosa ignorância da juventude; ainda eu cria conceber toda a magnificência do grande drama do cristianismo, e que a minha

harpa estava afinada para cantar um tal objecto. Enganava-me: a Semana Santa do poeta não saiu semelhante à Semana Santa da religião. O que é esta, de feito? Um poema representado, um drama, cuja essência é um fato universal, o maior de todos; o que veio mudar idéias, civilização e destinos do género humano inteiro. Tinha eu forças para o tratar? Não por certo: porque até hoje só houve um Klopstock; talvez só um haverá até à consumação dos séculos.

Assim, eu corri as memórias do passado, e as esperanças do futuro; chorei sobre Jerusalém e sobre a minha pátria: subi aos Céus, e descí aos Infernos: saudei o Sol, e as trevas da noite; em tudo e em toda a parte busquei inspirações, menos onde as devia buscar; porque acima da minha compreensão estava o meu objecto – a redenção e as suas consequências. Foi disto justamente que eu não tratei; e era disto que eu devia tratar, se o Pudesse ou soubesse fazer.

Porque, pois, não acompanharam estes versos os outros da primeira mocidade no caminho da fogueira" Porque publico um poema falho na mesmíssima essência da sua concepção?

Porque tenho a consciência de que há aí poesia; e porque não há poeta, que, tendo essa consciência, consinta de bom grado em deixar nas trevas o fruto das suas vigílias.

(1) *A loucura da Cruz não morreu toda:*

Verbum enim Crucis pereuntibus quidem stultitia est.

Porque a palavra da Cruz é, na verdade, uma estultícia para os que se perdem.

Paul. ad Corinth. C 1-18

(2) *ignoto vate / Teceu*: ainda que os salmos se atribuam geralmente a David, há cerca disso muita incerteza, e o que, ao menos, parece indubitável é que alguns lhe não pertencem, por falarem no cativeiro de Babilônia e trazerem alusões a épocas mais recentes. Verdade é que se chegou a crer herética semelhante opinião; mas os padres gregos, e com eles Santo Hilário e S. Jerónimo, julgam absurdo atribuí-los todos a David. Esdras, voltando do cativeiro, foi quem reuniu estes hinos, e nessa coleção é provável fizesse entrar todas as poesias hebraicas deste género lírico e religioso.

(3) E ao esconder-se o Sol entre as montanhas / De Bethoron: Bethoron inferior, cidade situada perto da Gadara, ou Gazara, e de Bethel, e todas elas em uma série de montanhas no extremo de tribo de Efraim, ao ocidente de Jerusalém. Cumpre não a confundir com a outra Bethoron, ou Bethra, a quatro milhas de Jerusalém para o norte, no caminho de Siquém,

ou Naplusa.

(4) O SALMO:

*Commota est, et connemuit terra:
iundamenta montium cunturbata sunt, et
commota sunt, quoniam iratus est eis.*

*Ascendit fumus in ira ejus: et ignis a facie
ejus exarsit: carbones succensi sunt ab eo.*

*Inclinavit coelos et descendit: et caligo sub
pedibus ejus.*

*Et ascendit super cherubim, et volavit: volavit
super pennas ventorum.*

Comoveu-se a Terra e tremeu: os
fundamentos dos montes estremeceram e se
abalaram, porque se indignou contra eles.

Subiu fumo na ira dele, e saiu fogo ardente
do seu rosto; por ele foram incendiados carvões.

Inclinou os Céus e desceu: e
obscuridade debaixo dos seus pés. E
subiu sobre querubins, e voou; voou
sobre as asas dos ventos.

Salmo 17 – V. 8-9-10-11

*Quo ib a Spiritu tuo? et quo a facie tua
fugiam?*

*Si ascendero in coelum, tu illic es: si
descendero in infernum, ades. Si sumpsero
pennas meas diluculo, et habitavero in extremis
maris: Ete nim illuc manus tua deducet me: et
tenebit me dextera tua. Et dixi: Forsitan tenebrae
conculcabunt me: et nox illuminatio mea in*

deliciis meis;

*Quia tenebrae non obscurabuntur a te, et
nox sicut dies illuminabitur sicut tenebrae ejus,
sicutet lumen ejus.*

Como me irei do teu Espírito? e para onde fugirei da tua presença? Se subir ao Céu, tu ali te achas: se descer ao Inferno, presente nele estás. Se eu tomar as minhas asas, ao romper da alva, e for habitar nas extremidades do mar:

Ainda lá me guiará a tua mão e me susterá a tua direita.

E disse: Talvez me ocultarão as trevas;
mas a noite se converte em claridade para
me descobrir, entregue às minhas delícias;

Porque as trevas não serão escuras para ti,
e a noite será iluminada como o dia; como as
trevas daquela, assim são também a luz deste.

Salmo 138 – V. 7-8-9-10-11-12

*...arcum suum tetendit et paravit illum.
Et in eo paravit vasa mortis, sagittas suas
ardentibus effecit.*

...armou o seu arco e o tem pronto..

Já pós nele os instrumentos da morte; já
preparou as suas setas ardentes.

Salmo 7 – V. 13-14

(5) *À sua voz seguiu-se. Uma toada / De órgão rompeu do coro. Assemelhava:* o órgão é um instrumento prontíssimo para acompanhar os hinos religiosos. Os protestantes, apartando-se da comunhão romana, e fazendo voltar o culto quase à simplicidade primitiva, conservaram nos seus templos este instrumento, cujos sons melodiosos, e ao mesmo tempo severos, se adaptam tão bem às idéias que suscitam os cantos da Igreja. O primeiro órgão que se viu no Ocidente da Europa foi o que mandou, em 758, Constantino Coprónimo, imperador de Constantinopla a Pepino, pai de Carlos Magno. Depois o seu uso se tornou quase exclusivo nos templos. [Os versos em epígrafe são variantes dos que se lêem n'*A Harpa (A sua voz seguiu-se: e um som soturno / De órgão partiu o; som que assemelhava)*. A alteração ao texto original não implica a sucessão da nota, porque a palavra que a origina (órgão) mantém-se.]

(6) *Modulando o Nébel:* o Nébel, que os Gregos traduzem por *Psalterion*, ou *Nablon*, era entre os Hebreus um instrumento próprio da música religiosa, como entre os cristãos o órgão.

A sua forma triangular, e o ser instrumento de cordas, fez com que na *Vulgata* se vertesse a palavra hebraica Nébel, umas vezes por lira, outras por cítara, sem ser nenhuma das duas

coisas. Veja-se a Dissertação de Calmet acerca da música dos Hebreus.

Do imundo stélio:

O estélio é o lagarto da primeira espécie, ou a salamandra de Lacepede. *Stellio manibus nititur et moratur in aedibus regis.*

Migale, et chamaeleon, et stellio, et lacerta, et talpa.

A saramântiga, que se sustém nas suas mãos, e que mora no palácio dos reis.

Prov. 30 – V. 28

O musaranho, o camaleão, a

saramântiga, a lagartixa e a toupeira.

Levit. 11 – V. 30

(8) Nas margens do Cédron, a rã grasnando: a torrente do Cédron, que passa entre Jerusalém e o monte Olivete, ao oriente da cidade, seca inteiramente no Estio, e no Inverno as suas águas são torvas e avermelhadas. Daí o seu nome, que soa como – *Torrente da Tristeza*.

Alguém lhe chamou *Torrente dos Cedros*, tomando a palavra hebraica *Kedron* pelo plural grego *Kedron*.

(9) O vate de Anatoth:

Jeremias era natural de Anatoth, cidade sacerdotal na tribo de Benjamim. *er Jeremiae filii*

Helciae, de sacerdotibus qui fuerunt in Anathoth, in terra Benjamim. Palavras de Jeremias, filho de Helcias, um dos sacerdotes que viviam em Anathoth, na terra de Benjamim.

Jerem. I – V. 1

(10) *Entre o povo infiel, de Eloha em nome: Eloha, ou Elah, nome de Deus em hebraico, ou antes caldaico, e palavra assaz comum na Bíblia. O autor do Gênesis usa do plural Elohim, ou Elahim, para significar ora o Deus uno, ora os*

19

www.nead.unama.br

deuses dos pagãos. Consulte-se Volney, *Recherches sur l'Histoire Ancienne*, cap. XVII.

(11) *Inspirara Moisés: alusão ao cântico depois da passagem do mar Roxo.*

(12) LAMENTAÇÃO:

Quomodo sedet sola civitas plena populo! Facta est quasi vidua Domina Gentium: princeps provinciarum facta est sub tributo.

Plorans ploravit in nocte, et lachrymae ejus in maxillis ejus: non est qui consoletur eam ex omnibus caris ejus: omnes amici ejus spreverunt eam, et facti sunt ei inimici.

Viae Sion lugent, eo quod non sint, qui veniant ad solemnitatem: omnes portae ejus destructae: sacerdotes ejus gementes: virgines ejus squallidae, et ipsa oppressa amaritudine.

Como assim, solitária, está assentada uma cidade, cheia de povo; chegou a ser uma como viúva a senhora das gentes; a princesa das províncias ficou sujeita ao tributo.

Chorou, sem cessar, durante a noite, e as suas lágrimas correm pelas suas faces: não há quem a console, entre todos os seus amados; todos os seus amigos a desprezaram e se lhe tomaram inimigos.

As ruas de Sião choram, porque não há quem venha às solenidades; todas as suas portas se acham destruídas; os seus sacerdotes gemendo; as suas virgens esquálidas, e ela, oprimida de amargura.

Threni C. I – V. 1-2-4

Omnis populus ejus gemens, et quaerens panem: dederunt pretiosa quaeque pro cibo ad refocilandum animam.

Todo o seu povo está gemendo e mendigando pão; eles deram tudo o que tinham de precioso a troco de alimento, para sustentar a vida.

Threni C. I – V. 11

Aegypto dedimus manum, et Assyriis ut saturaremur pane.

Jacuerunt in terra foris puer, et senex.

Ao Egito demos a mão, e aos Assírios, para sermos fartos de pão. Ficaram nas

ruas, estendidos por terra, o moço e o velho.

Threni C. 2 – V. 21

*Manus mulierum misericordium coxerunt
filios suos: facti sunt cibus carum in contritione
filliae populi mei.*

As mãos das mulheres compassivas
cozeram os seus filhos, serviram-lhes de
mantimento na ruína da filha do meu povo.

Threni C. 4 – V. 10

*Recordare Domine quid acciderit nobis:
intuere et respice opprobrium nostrum.*

20

www.nead.unama.br

*Hereditas nostra versa est ad alienos; domus
nostrae ad extraneos. Servi dominati sunt nostri:
non fuit qui redimeret de manu eorum. Quare in
perpetuum oblivisceris nostri? derelinques nos in
longitudine dierum?*

Lembra-te, Senhor, do que nos tem
acontecido; considera e olha para o nosso
opróbio.

A nossa herança passou a forasteiros, as
nossas casas a estranhos. Os servos nos
dominaram; não houve quem nos resgatasse da
mão deles. Por que razão te esquecerás tu de

nós para sempre? Nos desampararás tu pela
lonjura de dias?

Oratio Jerem. C. 5 – V. 1-2-8-20

(13) Bem como aquela que aterrou um ímpio:

*Balthasar rex fuit grande convivium
optimatibus suis milli: et unusquisque secundum
suam bibebat aetatem. Praecepit ergo jam
temulentus ut afferrentur vasa aurea et argentea,
quae asportaverat Nabuchodonosor pater ejus de
templo, quod fuit in Jerusalem, ut biberent in eis
rex et optimates ejus, uxoresque ejus, et
concubinae. Tunc allata sunt vasa aurea et
argentea, quae asportaverat de templo, quod
fuerat in Jerusalem: et biberunt in eis rex, et
optimates ejus, uxores et concubinae illius.
Bibebant vinum et laudabant deos suos aureos,
et argenteos, aereos, terreos, ligneosque et
lapideos. In eadem hora aparuerunt digiti, quasi
manus hominis scribentis contra candelabrum in
superficie parietis aulae regiae: et rex aspiciebat
articulos manus scribentis. Tunc facies
commutata est, et cogitationes ejus conturbabant
eum; et compages renum ejus solvebantur; et
genua ejus ad se invicem collidebantur. Haec est
autem scriptura, quae digesta est: Mane, Thecel,
Phares. Et haec est interpretatio sermonis: Mane:
numcravit Deus regnum tuum et complevit illud.
Thecel: appensus es in statera, et inventus es
minus habens. Phares: divisum est regnum tuum,
et datum est Medis, et Persis.*

O rei Baltasar deu um grande banquete a mais de mil grandes da sua corte, e cada um bebia nele conforme d sua idade.

Estando, pois, já bem cheio de vinho, mandou que lhe trouxessem os vasos de ouro e de prata que Nabucodonosor, seu pai, tinha transportado do templo de Jerusalém, para beberem por eles o rei e os grandes da sua corte, e as mulheres dele e concubinas.

No mesmo ponto, foram trazidos os vasos de ouro e de prata que tinha transportado do templo de Jerusalém, e por eles beberam o rei e os grandes da sua corte, as mulheres dele e concubinas.

Eles bebiam o vinho, e louvavam os seus deuses de ouro e de prata, de metal, de ferro, de pau e de pedra.

Na mesma hora, apareceram uns dedos, como de mão de homem, que escrevia defronte do candeeiro, na superfície da parede da sala do rei; e o rei via os movimentos das juntas dos dedos da mão que escrevia.

Então o semblante do rei se mudou, e os seus pensamentos o perturbavam; e as juntas dos seus rins se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro.

Esta é pois a escritura que ali está disposta: *Mané, Técel, Fares*. E esta é a interpretação das palavras:

Mané: Deus contou os dias do teu reinado, e lhes pôs termo.

Técel: tu foste pesado na balança, e achou-se que tinhas menos de peso. *Fares*: o teu reino se dividiu, e foi dado aos Medos e aos Persas. *Danielis Proph. C. 5 – V. 1 a 6 e 25 a 28*

(14) Hoje, campo de lágrimas, só cria / Humilde musgo de escavados cerros: vários passos, cem vezes citados, de Tácito e de outros escritores gravíssimos da antiguidade nos provam que a Judeia foi um país feracíssimo. Os viajantes modernos no-la descrevem como uma região árida e inculta. O despotismo, que há séculos tem oprimido a Síria, e a rapacidade dos Árabes são em grande parte causa da aniquilação da agricultura na Palestina; porém, a sua esterilidade não se pode atribuir, por certo, a uma causa política. Os sectários do Crucificado não podem deixar de ver neste fenómeno os efeitos da maldição de Deus sobre a Terra que bebeu o sangue do Filho do Homem.

(15) *Ide vós a Mambré*: o vale de Mambré estava situado junto de Kariath Arbé (Hébron), na tribo de Judá, e ao Meio-Dia de Jerusalém. O carvalho, ou terebinto de Abraão, que, segundo o testemunho de S. Jerónimo, ainda existia no tempo de Constantino, o tomava notável. Acerca

desta árvore célebre existem muitas tradições entre os Judeus; e até para os cristãos dos primeiros séculos era o vale de Mambré um lugar de devoção e romagem. Sozomeno nos descreve o vale de Terebinto como um sítio de festivas reuniões, e foi a sua narração quem suscitou este pedaço de poema.

(16) ...na primavera, / Vinham os moços adornar-lhe o tronco: aqui (em Mambré) há um lugar que hoje chamam Terebinto, distante de Cébron que lhe fica ao Meio-Dia, quinze estádios, e de Jerusalém quase duzentos e cinqüenta. Os habitantes deste sítio, no tempo do Estio, fazem uma feira, a que concorrem os vizinhos do vale, e ainda povos mais remotos, como os Palestinos, os Árabes e os Fenícios, Sozomeno, História Eclesiástica.

(17) *No Gólgota plantada, a Cruz clamara*: o monte Gólgota, ou Calvário foi o lugar onde crucificaram J. C. Esta palavra significa: *lugar onde repousam os crânios dos mortos*.

(18) *No Moriá surgiu*: o monte Moriá, onde estava o templo de Salomão, levantava-se no meio de Jerusalém, e ficava-lhe ao norte o monte Sião. Diz-se que neste lugar estivera Abraão para sacrificar seu filho. (Calmet, *Diction.*).

A VOZ

É tão suave ess'hora,
Em que nos foge o dia,
E em que suscita a Lua
Das ondas a ardentia,
Se em alcantis marinhos,
Nas rochas assentado,
O trovador medita
Em sonhos enteado!

22

www.nead.unama.br

O mar azul se
encrespa Coa
vespertina
brisa,
E no casal da serra
A luz já se divisa.
E tudo em roda cala
Na praia sinuosa,
Salvo o som do
remanso
Quebrando em
furna algosa.
Ali folga o poeta
Nos desvarios seus,
E nessa paz
que o cerca

Bendiz a mão
de Deus.

Mas
despregou
seu grito A
alcíone
gemente,
E nuvem pequenina
Ergueu-se no ocidente:

E sobe, e
cresce, e
imensa Nos
céus negra
flutua, E o
vento das
procelas Já
varre a fraga
nua.

Turba-se o
vasto oceano.
Com hórrido
clamor;
Dos
vagalhões nas
ribas Expira o
vão furor

E do poeta a fronte
Cobriu véu
de tristeza;

Calou, à luz
do raio,
Seu hino à natureza.

Pela alma lhe vagava
Um negro
pensamento,
Da alcíone ao
gemido, Ao
sibilar do
vento.

Era blasfema idéia,
Que triunfava enfim;
Mas voz soou ignota,
Que lhe dizia assim:

«Cantor, esse
queixume Da
núncio das
procelas, E as
nuvens, que te
roubam
Miríades de
estrelas,

E o frêmito dos erros,
E o estourar da vaga,
Na praia, que revolve,

Na rocha, onde se esmaga,

Onde espalhava a brisa
Sussurro harmonioso,
Enquanto do éter puro
Descia o Sol radioso,

Tipo da vida do homem,
É do universo a vida:
Depois do afã repouso,
Depois da paz a lida.

Se ergueste a Deus um hino
Em dias de amargura;
Se te amostraste grato
Nos dias de ventura,

Seu nome não maldigas
Quando se turba o mar:
No Deus, que é pai, confia,
Do raio ao cintilar.

Ele o mandou: a causa
Disso o universo ignora,
E mudo está. O nume,
Como o universo, adora!»

Oh, sim, torva blasfêmia
Não manchará seu canto!
Brama a procela embora;
Pese sobre ele o espanto;

Que de sua harpa os hinos
Derramará contente

Aos pés de Deus, qual óleo
Do nardo recendente.

A ARRÁBIDA

I

Salve, ó vale do sul,
saudoso e belo! Salve,
ó pátria da paz, deserto
santo, Onde não ruge a
grande voz das turbas!
Solo sagrado a Deus,
pudesse ao mundo

24

www.nead.unama.br

O poeta fugir, cingir-se ao ermo,
Qual ao freixo robusto a
frágil hera, E a
romagem do túmulo
cumprindo, Só
conhecer, ao despertar
na morte, Essa vida
sem mal, sem dor, sem
termo, Que íntima voz
contínuo nos promete
No trânsito chamado o
viver do homem.

II

Suspira o vento no
álamo frondoso; As
aves soltam
matutino canto;
Late o lebréu na encosta,
e o mar sussurra Dos
alcantis na base
carcomida:
Eis o ruído de ermo! Ao
longe o negro,
Insondado oceano, e o
céu cerúleo Se abraçam
no horizonte. Imensa
imagem Da eternidade e
do infinito, salve!

III

Oh, como surge
majestosa e bela,
Com viço da
criação, a natureza
No solitário vale! E o leve insecto
E a relva e os matos e a
fragrância pura Das
boninas da encosta
estão contando Mil
saudades de Deus, que
os há lançado, Com mão
profusa, no regaço
ameno Da solidão, onde

se esconde o justo.

E lá campeiam no alto
das montanhas Os
escalvados píncaros,
severos,
Quais guardadores de um
lugar que é santo; Atalaias
que ao longe o mundo
observam, Cerrando até o
mar o último abrigo Da
crença viva, da oração
piedosa, Que se ergue a
Deus de lábios inocentes.

Sobre esta cena o sol
verte em torrentes Da
manhã o fulgor; a brisa
esvai-se Pelos
rosmaninhais, e inclina os
topos Do zimbro e
alecrineiro, ao rés
sentados Desses troncos
de fragas sobrepostas,
Que alpestres matas de
medronhos vestem; O
rocio da noite à branca
rosa

No seio derramou frescor suave,
E inda existência lhe dará um dia.

Formoso ermo do sul, outra vez, salve!

IV

Negro, estéril rochedo,
que contrastas, Na
mudez tua, o plácido
sussurro Das árvores
do vale, que vicejam
Ricas d'encantos, coa
estação propícia;
Suavíssimo aroma,
que, manando Das
variegadas flores,
derramadas Na
sinuosa encosta da
montanha,
Do altar da solidão
subindo aos ores, És
digno incenso ao
Criador erguido;
Livres aves, filhas da
espessura,
Que só teceis da
natureza as hinos, O
que crê, o cantor, que
foi lançado, Estranho
no mundo, no bulício
dele,

Vem saudar-vos, sentir
um gozo puro, Dus
homens esquecer
paixões e opróbrio, E
ver, sem ver-lhe a luz
prestar a crimes, O Sol,
e uma só vez puro
saudar-lha.

Convosco eu sou maior;
mais longe a mente dos
céus se imerge livre,
E se desprende de
mortais memórias Na
solidão solene, onde,
incessante, Em cada
pedra, em cada flor se
escuta Do Sempiterno
a voz, e vê-se
impressa A destra sua
em multiforme quadro.

V

Escalvado penedo, que repousas
Lá no cimo do
monte, ameaçando
Ruína ao roble
secular da encosta,
Que sonolento move
a coma estiva
Ante a aragem do

mar, foste formoso; Já
te cobriram cespedes
virentes; Mus o tempo
voou, e nele envolta A
formosura tua.

Despedidos
Das negras nuvens o
chuveiro espesso E o
granizo, que o solo
fustigando Tritura a
tenra lanceolada relva,
Durante largos séculos,
no Inverno, Dos
vendavais no dorso a ti
desceram. Qual
amplexo brutal de
ardos grosseiro, Que,
maculando virginal
pureza.

Do pudor varre a
auréola celeste, E
deixa, em vez de um
serafim m Terra,
Queimada flor que
devorou o raio.

VI

Caveira da montanha,
ossada imensa, É tua
campa o Céu:
sepulcro o vale Um dia
te será. Quando
sentires

Rugir com som medonho a
Terra ao longe, Na
expansão dos vulcões, e o
mar, bramindo, Lançar à
praia vagalhões cruzados;
Tremer-te a larga base, e
sacudir-te De sobre si, o
fundo deste vale
Te vai servir de
túmulo; e os carvalhos
Do mundo
primogênitos, e os
sobros, Arrastados por
ti lá da colina,
Contigo hão-de jazer.
De novo a terra Te
cobrirá o dorso
sinuoso:

Outra vez sobre ti
nascendo os lírios, Do
seu puro candor
hão-de adornar-te; E
tu, ora medonho e nu e

triste,
Ainda belo serás, vestido e alegre.

VII

Mais que o homem feliz!
Quando eu no vale Dos
túmulos cair; quando uma
pedra Os ossos me
esconder, se me for dada,
Não mais reviverei; não
mais meus olhos Verão, ao
pôr-se, o Sol em dia estivo,
Se em turbilhões de
púrpura, que ondeiam Pelo
extremo dos céus sobre o
ocidente. Vai provar que
um Deus há o estranhos
povos E além das ondas
trémulo sumir-se; Nem,
quando, lá do cimo das
montanhas, Com torrentes
de luz inunda as veigas:
Não mais verei o refulgir da
Lua

No irrequieto mar, na paz da noite,
Por horas em que vela
o criminoso, A quem
íntima voz rouba o
sossego. E em que o
justo descansa, ou,
solitário, Ergue ao

Senhor um hino
harmonioso.

VIII

Ontem, sentado num
penhasco, e perto Dos
águas, então quedas,
do oceano, Eu também
o louvei sem ser um
justo: E meditei, e a
mente extasiada
Deixei correr pela amplidão das ondas.

Como abraço materno era suave
A aragem fresca do cair
das trevas. Enquanto,
envolta em glória, a
clara Lua

27

www.nead.unama.br

Sumia em seu fulgor milhões d'estrelas.

Tudo calado estava:
o mar somente As
harmonias da
criação soltava,
Em seu rugido; e o ulmeiro
do deserto Se agitava,
gemendo e murmurando.
Ante o sopro de oeste: ali

dos olhos O pranto me
correu, sem que o
sentisse. E aos pés de
Deus se derramou minha
alma.

IX

Oh, que viesse o que
não crê, comigo, À
vicejante Arrábida de
noite,
E se assentasse aqui
sobre estas fragas,
Escutando o sussurro
incerto e triste Das
movediças ramas, que
povoa
De saudade e de amor
noturna brisa; Que visse a
lua, o espaço oprimido de
astros, E ouvisse o mar
soando: – ele chorara,
Qual eu chorei, as
lágrimas do gozo, E,
adorando o Senhor,
detestaria
De uma ciência vã
seu vão orgulho. X
É aqui neste vale, ao

qual não chega
Humana voz e o
tumultuar das turbas,
Onde o nada da vida
sonda livre
O coração, que
busca ir abrigar-se
No futuro, e debaixo
do amplo manto Da
piedade de Deus:
aqui serena
Vem a imagem da
campa, como a imagem
Da pátria ao desterrado;
aqui, solene, Brada a
montanha, memorando a
morte.

Essas penhas, que, lá
no alto das serras
Nuas, crestadas,
solitárias dormem,
Parecem imitar da
sepultura
O aspecto melancólico e
o repouso Tão desejado
do que em Deus confia.
Bem semelhante à paz.
que se há sentado Por
séculos, ali, nas
cordilheiras

É o silêncio do adro,
onde reúnem Os
ciprestes e a Cruz, o
Céu e a Terra.

Como tu vens
cercado de
esperança, Para o
inocente, ó plácido
sepulcro! Junto das
tuas bordas
pavorosas
O perverso recua horrorizado:

28

www.nead.unama.br

Após si volve os olhos; na existência
Deserto árido só descobre ao longe.
Onde a virtude não deixou um trilho.

Mas o justo, chegando
à meta extrema, Que
separa de nós a
eternidade,
Transpõe-na sem temor,
e em Deus exulta.. O
infeliz e o feliz lá dormem
ambos,
Tranquilamente: e o
trovador mesquinho,
Que peregrino vagueou

na Terra,
Sem encontrar um coração ardente
Que o entendesse, a
pátria de seus sonhos,
Ignota, por lá busca; e
quando as eras
Vierem junto às cinzas colocar-lhe
Tardios louros, que
escondera a inveja, Ele
não erguerá a mão
mirrada,
Para os cingir na regelada fronte.
Justiça, glória, amor, saudade, tudo,
An pé da sepultura, é som perdido
De harpa eólia esquecida
em brenha ou selva: O
despertar um pai, que
saboreia
Entre os bruços da
morte o extremo sono,
Já não é dado ao filial
suspiro;
Em vão o amante, ali, da amada sua
De rosas sobre a c'roa debruçado,
Rega de amargo pranto
as murchas flores E a
fria pedra: a pedra é
sempre fria.
E para sempre as

flores se murcharam.

XI

Belo ermo!, eu hei-de amar-te
enquanto esta alma,
Aspirando o futuro além da
vida

E um hálito dos Céus, gemer atada
À coluna do exílio, a que se chama
Em língua vil e mentirosa o mundo.

Eu hei-de amar-te, ó
vale, como um filho Dos
sonhos meus. A
imagem do deserto
Guardá-la-ei no
coração, bem junto
Com minha fé, meu único tesouro.

Qual pomposo jardim
de verme ilustre,
Chamado rei ou nobre,
há-de contigo
Comparar-se, ó
deserto? Aqui não
cresce Em vaso de
alabastro a flor cativa,
Ou árvore educada por
mão de homem, Que lhe
diga: «És escrava», e
erga um ferro E lhe

decepe os troncos. Como
é livre
A vaga do oceano, é livre no ermo
A bonina rasteira ou freixo altivo!

29

www.nead.unama.br

Não lhes diz: «Nasce aqui,
ou lá não cresças».
Humana voz. Se baqueou o
freixo,
Deus o mandou: se a flor
pendida murcha, É que o
rocio não desceu de
noite,
E da vida o Senhor lhe nega a vida.

Céu livre, Terra livre, e
livre a mente, Paz íntima,
e saudade, mas saudade
Que não dói, que não
mirra, e que consola, São
as riquezas do ermo,
onde sorriem Das
procetas do mundo os
que o deixaram.

XII

Ali naquela encosta,
ontem de noite,
Alvejava por entre os

medronheiros Do
solitário a habitação
tranquila:

E eu vagueei por lá.

Patente estava O
pobre albergue do
eremita humilde, Onde
jazia o filho da
esperança

Sob as asas de Deus, à
luz dos astros, Em leito,
duro sim, não de
remorsos. Oh, com
quanto sossego o bom
do velho Dormia! A leve
aragem lhe ondeava As
raras cãs na fronte,
onde se lia

A bela história de passados anos.

De alto choupo através
passava um raio Da Lua
– astro de paz, astro
que chama Os olhos
para o céu, e a Deus a
mente –

E em luz pálida as
faces lhe banhava: E
talvez neste raio o Pai
celeste

Da pátria eterna, lhe
enviava a imagem, Que

o sorriso dos lábios lhe
fugia,
Como se um sonho de
ventura e glória Na
Terra de antemão o
consolasse. E eu
comparei o solitário
obscuro

Ao inquieto filho das cidades:
Comparei o deserto silencioso
Ao perpétuo ruído que sussurra
Pelos palácios do
abastado e nobre,
Pelos paços dos reis;
e condoí-me
Do cortesão soberbo, que só cura
De honras, haveres,
glória, que se comprou
Com maldições e perenal
remorso.

Glória! A sua qual é?
Pelas campinas,
Cobertas de
cadáveres, regadas
De negro sangue, ele
segou seus louros;
Louros que vão
cingir-lhe a fronte altiva
Ao som do choro da
viúva e do órfão; Ou,
dos sustos senhor, em

Os homens, seu irmãos,
flagela e oprime. Lá o filho
do pó se julga um nume,
Porque a Terra o adorou;
o desgraçado Pensa,
talvez, que o verme dos
sepulcros Nunca se há-de
chegar para tragá-lo Ao
banquete da morte,
imaginando Que uma
lájea de mármore, que
esconde O cadáver do
grande, é mais durável Do
que esse chão sem
inscrição, sem nome. Por
onde o oprimido, o mísero,
procura O repouso, e se
atira aos pés do trono Do
Omnipotente, a demandar
justiça Contra os fortes do
mundo, os seus tiranos.

XIII

Ó cidade, cidade, que
transbordas De vícios,
de paixões e de

amarguras! Tu lá
estás, na tua pompa
envolta, Soberba
prostituta, alardeando
Os teatros, e os paços, e o ruído
Das carroças dos nobres
recamadas De ouro e
prata, e os prazeres de
uma vida Tempestuosa, e
o tropear contínuo Dos
férvidos ginetes, que
alevantam O pó e o lodo
cortesão das praças; E as
gerações corruptas de
teus filhos Lá se revolvem,
qual montão de vermes
Sobre um cadáver pútrido!
Cidade, Branqueado
sepulcro, que misturas A
opulência, a miséria, a dor
e o gozo, Honra e infâmia,
pudor e impudica Céu e
inferno, que és tu?
Escárnio ou glória Da
humanidade? O que o
souber que o diga!

Bem negra avulta aqui,
na paz do vale, A
imagem desse povo,
que reflui

Das moradas à rua, à
praça, ao templo; Que ri, e
chora, folga, e geme, e
morre, Que adora Deus, e
que o pragueja, e o teme;
Absurdo misto de baixeza
extrema E de extrema
ousadia; vulto enorme,
Ora aos pés de um vil
déspota estendido, Ora
surgindo, e arremessando
ao nada As memórias dos
séculos que foram, E
depois sobre o nada
adormecendo.

Vê-lo, rico de
opróbrio, ir
assentar-se Em
joelhos nos átrios dos
tiranos.

Onde, entre o lampejar de armas de
servos,

31

www.nead.unama.br

O servo popular
adora um tigre ?
Esse tigre é o ídolo
do povo!
Saudai-o; que ele o

manda: abençoai-lhe O
férreo ceptro: ide folgar
em roda De cadafalsos,
povoados sempre De
vítimas ilustres, cujo
arranco

Seja como harmonia,
que adormente Em
seus terrores o senhor
das turbas. Passai
depois. Se a mão da
Providência
Esmigalhou a frente à
tirania;

Se o déspota caiu, e está
deitado No lodaçal da sua
infâmia, a turba Lá vai
buscar o ceptro dos
terrores, E diz: «É meu»;
e assenta-se na praça, E
envolta em roto manto. e
julga, e reina. Se um
ímpio, então, na
afogueada boca De
vulcão popular sacode
um facho, Eis o incêndio
que muge, e a lava sobe,
E referve, e trasborda, e
se derrama Pelas ruas
além: clamor retumba De
anarquia impudente, e o

brilho de armas Pelo
escuro transluz, como um
presságio De assolação,
e se amontoam vagas
Desse mar d'abjecção,
chamado o vulgo; Desse
vulgo, que ao som de
infernais hinos Cava
fundo da Pátria a
sepultura, Onde,
abraçando a glória do
passado E do futuro a
última esperança,
As esmaga consigo, e ri morrendo.

Tal és, cidade, licenciosa
ou serva! Outros louvem
teus paços sumptuosos,
Teu ouro, teu poder:
sentina impura De
corrupções, teus não
serão meus hinos!

XIV

Cantor da solidão,
vim assentar-me
Junto do verde
céspede do vale,
E a paz de Deus do mundo me consola.

Avulta aqui, e alveja
entre o arvoredor, Um

pobre conventinho.
Homem piedoso O
alevantou há séculos,
passando, Como
orvalho do céu, por
este sítio, De virtudes
depois tão rico e fértil.

Como um pai de seus
filhos rodeado, Pelos
matos do outeiro o vão
cercando Os tugúrios
de humildes eremitas,

32

www.nead.unama.br

Onde o cilício e a
compunção apagam
Da lembrança de Deus
passados erros Do
pecador, que reclinou
a fronte

Penitente no pó. O sacerdote
Dos remorsos lhe
ouviu as amarguras; E
perdoou-lhe, e
consolou-o em nome
Do que expirando
perdoava, o Justo,
Que entre os humanos

não achou piedade. XV

Religião! do mísero conforto,
Abrigo extremo de
alma, que há mirrado O
longo agonizar de uma
saudade.

Da desonra, do exílio, ou da injustiça,
Tu consolas aquele,
que ouve o Verbo. Que
renovou o corrompido
mundo,

E que mil povos pouco
a pouco ouviram.

Nobre, plebeu,
dominador, ou servo,
O rico, o pobre, o valoroso, o fraco,
Da desgraça no dia ajoelharam
No limiar do solitário templo.

Ao pé desse portal,
que veste o musgo,
Encontrou-os chorando
o sacerdote,

Que da serra descia à meia-noite,
Pelo sino das preces convocado:
Aí os viu ao despontar do dia,
Sob os raios do Sol, ainda chorando,
Passados meses, o burel grosseiro,
O leito de cortiça, e a fervorosa
E contínua oração foram cerrando
Nos corações dos

miseros as chagas, Que o
mundo sabe abrir, mas
que não cura. Aqui,
depois, qual hálito suave.
Da Primavera, lhes correu a vida,
Até sumir-se no adro do convento,
Debaixo de uma lájea
tosca e humilde, Sem
nome, nem palavra,
que recorde
O que a terra abrigou no sono extremo.
Eremitério antigo, oh, se pudesses
Dos anos que lá vão contar a história;
Se ora, à voz do
cantor, possível fosse
Transudar desse chão,
gelado e mudo, O
mudo pranto, em
noites dolorosas,
Por náufragos do mundo derramado
Sobre ele, e aos pés da
Cruz!... Se vós pudésseis,
Broncas pedras, falar, o que
diríeis!

Quantos nomes mimosos da ventura,

das gentes. Despertariam
o eco das montanhas, Se
aos negros troncos do
sobreiro antigo Mandasse
o Eterno sussurrar a
história Dos que vieram
desnudar-lhe o cepo,
Para um leito formar,
onde velassem Da
mágoa, ou do remorso, as
longas noites! Aqui veio,
talvez, buscar asilo
Um poderoso, outrora anjo
da Terra, Despenhado nas
trevas do infortúnio; Aqui
gemeu, talvez, o amor
traído, Ou pela morte
convertido em cancro De
infernado desespero; aqui
soaram Do arrependido os
últimos gemidos, Depois
da vida derramada em
gozos, Depois do gozo
convertido em tédio. Mas
quem foram? Nenhum,
depondo em terra
Vestidura mortal, deixou
vestígios
De seu breve passar. E
isso que importa, Se
Deus o viu; se as

lágrimas do triste Ele
contou, para as pagar
com glória?

XVI

Ainda em curvo outeiro,
ao fim da senda Que
serpeia do monte ao
fundo vale, Sobre o
marco de pedra a cruz se
eleva, Como um farol de
vida em mar de escolhos:
Ao cristão infeliz acolhe
no ermo.

E consolando-o,
diz-lhe: «A pátria tua
É lá no Céu:
abraça-te comigo.»
Junto dela esses homens,
que passaram Acurvados
na dor, as mãos ergueram
Para o Deus, que perdoa,
e que é conforto Dos que
aos pés deste símbolo da
esp'rança Vêm derramar
seu coração aflito:
É do deserto a história,
a cruz e a campa; E
sobre tudo o mais pousa
o silêncio.

XVII

Feliz da Terra, os
monges não maldigas;
Do que em Deus confiou
não escarneças:
Folgando segue a trilha,
que há juncado, Para
teus pés, de flores a
fortuna.

E sobre a morta crença
em paz descansa. Que
mal te faz. Que gozo vai
roubar-te O que
ensangüenta os pés no
tojo agreste, E sobre a
fria pedra encosta a
fronte? Que mal te faz
uma oração erguida,

34

www.nead.unama.br

Nas solidões, por voz
sumida e frouxa, E que,
subindo aos Céus, só
Deus escuta? Oh, não
insultes lágrimas alheias,
E deixa a fé ao que não
tem mais nada!...

E se estes versos te

contristam, rasga-os.
Teus menestréis te
venderão seus hinos,
Nos banquetes
opíparos, enquanto O
negro pão repartirá
comigo,
Seu trovador, o pobre
anacoreta, Que não te
inveja as ditas, como as
c'roas Do prazer ao
cantor eu não invejo;
Tristes coroas, sob as
quais às vezes Está
gravada uma inscrição
d'infâmia.

MOCIDADE E MORTE

Solevantado o corpo, os
olhos fitos, As magras
mãos cruzadas sobre o
peito, Vede-o, tão moço,
velador de angústias,
Pela alta noite em
solitário leito.

Por essas faces
pálidas, cavadas,
Olhai, em fio as
lágrimas deslizam; E
com o pulso, que

apressado bate, Do
coração os estos
harmonizam.

È que nas veias lhe
circula a febre: É que a
fronte lhe alaga o suor
frio; É que lá dentro à
dor, que o vai roendo,
Responde horrível
íntimo cicio.

Encostando na mão
o rosto aceso, Fitou
os olhos úmidos de
pranto
Na lâmpada mortal
ali pendente, E lá
consigo modulou
um canto.

É um hino de amor e de
esperança? É oração de
angústia e de saudade?
Resignado na dor, saúda
a morte, Ou vibra aos
céus blasfêmia
d'impiedade?

É isso tudo, tumultuando incerto
No delírio febril daquela mente,
Que, balouçada à
borda do sepulcro,

Volve após si a vista
longamente.

É a poesia a
murmurar-lhe na
alma Última nota de
quebrada lira;
É o gemido do tombar do cedro;

35

www.nead.unama.br

É triste adeus do
trovador que expira.

DESESPERANÇA

Meia-noite bateu,
volvendo ao nada
Um dia mais, e
caminhando eu sigo!
Vejo-te bem, ó
campa misteriosa...
Eu vou, eu vou!
Breve serei contigo!

Qual tufão, que ao
passar agita o pego,
Meu plácido existir
turbou a sorte: Hálito
impuro de pulmões

ralados Me diz que
neles se assentou a
morte:

Enquanto mil e mil no
largo mundo Dormem em
paz sorrindo, eu velo e
penso, E julgo ouvir as
preces por finados, E ver
a tumba e o fumegar do
incenso.

Se dormito um momento,
acordo em sustos; Pulos
me dá o coração no peito,
E abraço e beijo de
uma vida extinta O
último sócio, o
doloroso leito.

De um abismo
insondado às agras
bordas Insanável doença
me há guiado,
E disse-me: «No fundo
o esquecimento: Desce;
mas desce com andar
pausado.»

E eu lento vou descendo,
e sondo as trevas: Busco
parar; parar um só
instante! Mas a cruel,

travando-me da destra,
Me faz cair mais fundo, e
grita: «Avante!»

Porque escutar o
trânsito das horas?
Alguma delas trar-me-á
conforto? Não! Esses
golpes, que no bronze
ferem, São pura mim
como dobrar por morto.

«Morto!, morto!» me
clama a consciência:
Diz-mo este respirar
rouco e profundo. Ai!,
porque fremes, coração
de fogo, Dentro de um
seio corrompido e
imundo?

Beber um ar diáfano e suave,
Que renovou da tarde
o brando vento, E
convertê-lo, no aspirar
contínuo, Em bafo
apodrecido e
peçonhento!

Estender para o amigo a mão mirrada,

E ele negar a mão ao pobre amigo;
Querer uni-lo ao seio descarnado,
E ele fugir, temendo o seu perigo!

E ver após um dia ainda cem dias,
Nus d'esperança, férteis
de amargura;
Socorrer-me ao porvir, e
achá-lo um ermo, E só,
bem lá no extremo, a
sepultura!

Agora!... quando a vida me sorria:
Agora!... que meu estro se acendera;
Que eu me enlaçava a um
mundo d'esperanças, Como
se enlaça pelo choupo a
hera,

Deixar tudo, e partir, sozinho e mudo;
Varrer-me o nome
escuro esquecimento:
Não ter um eco de
louvor, que afague
Do desgraçado o humilde monumento!

Ó tu, sede de um nome glorioso,
Que tão fagueiros sonhos me tecias,
Fugiste, e só me resta
a pobre herança De
ver a luz do Sol mais
alguns dias.

Vestem-se os campos
do verdor primeiro: Já
das aves canções no
bosque ecoam: Não
para mim, que só escuto
atento

Funéreos dobres que no templo soam!

Eu que existo, e que
penso, e falo, e vivo, Irei
tão cedo repousar na
terra?!

Oh, meu Deus, oh, meu
Deus!, um ano ao menos; Um
louro só... e meu sepulcro
cerca!

E tão bom respirar, e a luz brilhante
Do sol oriental saudar no outeiro!
Ai, na manhã saudá-la posso ainda;
Mas será este Inverno o derradeiro!

Quando de pomos o vergel for cheio;
Quando ondear o trigo na planura;
Quando pender com
áureo fruto a vide, Eu
também penderei na
sepultura.

Dos que me cercam no
turbado aspecto, Na
voz que prende

desusado enleio,
No pranto a furto, no fingido riso
Fatal sentença de morrer eu leio.
Vistes vós criminoso, que hão lançado

37

www.nead.unama.br

Seus juizes nos
trances da agonia,
Em oratório estreito,
onde não entra
Suavíssima luz do
claro dia;

Diante a cruz, ao lado o
sacerdote, O cadafalso, o
crime, o algoz na mente,
O povo tumultuando, o
extremo arranco, E Céu,
e Inferno, e as maldições
da gente?

Se adormece, lá surge
um pesadelo, Com os
martírios da sua alma
acorde; Desperta logo,
e à terra se arremessa,
E os punhos cerra, e
delirante os morde.

Sobre as lájeas do

duro pavimento De
vergões e de sangue o
rosto cobre. Ergue-se
e escuta com cabelos
hirtos Do sino ao longe
o compassado dobre.

Sem esperança!...
Não! Do cadafalso
Sobe as escudas o
perdão às vezes; Porém
a mim... não me dirão:
«És salvo!» E o meu
suplício durará por
meses.

Dizer posso: «Existi:
que a dor conheço!» Do
gozo a taça só provei
por horas: E serei teu,
calado cemitério,
Que engenho, glória, amor, tudo
devoras.

Se o furacão rugiu, e o
débil tronco De árvore
tenra espedaçou
passando, Quem se
doeu de a ver jazendo
em terra? Tal é o meu
destino miserando!

Númen de santo amor,

mulher querida, Anjo do
Céu, encanto da
existência. Ora por mim a
Deus, que há-de
escutar-te. Por ri me
salve a mão da
Providência.

Vem: aperta-me a
destra... Oh, fuge, fuge!
Um beijo ardente aos
lábios teus voara: E
neste beijo venenoso a
morte

Talvez este infeliz só te entregara!

Se eu pudesse viver...
como teus dias
Cercaria de amor
suave e puro!
Como te fora plácido
o presente; Quanto
risonho o aspecto do
futuro!

Porém, medonho
espectro ante meus
olhos, Como sombra
infernai perpétua ondeia,

Bradando-me que vai
partir-se o fio
Com que da minha vida se urde a teia.

Entregue à sedução
enquanto eu durmo, No
turbilhão do mundo
hei-de deixar-te! Quem
velará por ti, pomba
inocente?
Quem do perjúrio poderá salvar-te?

Quando eu cerrar os
olhos moribundos Tu
verterás por mim
pranto saudoso;
Mas quem me diz que não virá o riso
Banhar teu rosto triste e lacrimoso?

Ai, o extinto só herda
o esquecimento! Um
novo amor te agitará o
peito:

E a dura lájea cobrirá meus ossos
Frios, despídos sobre térreo leito!...

Ó Deus, porque este cálix de agonia
Até as bordas de
amargor me encheste?
Se eu devia acabar na
juventude,
Porque ao mundo e a seus sonhos me
prendeste?

Virgem do meu amor,
porque perdê-la? Porque
entre nós a campa há-de
assentar-se? Tua suprema
paz com gozo ou dores
Do mortal, que em ti crê, pode
turbar-se?

Não haver quem me
salve! e vir um dia Em
que de minha o nome
ainda lhe desse! Então,
Senhor, o umbral da
eternidade, Talvez sem
um queixume,
transpusesse.

Mas, qual flor em botão
pendida e murcha, Sem
de fragrâncias perfumar
a brisa,

Eu poeta, eu amante, ir esconder-me
Sob uma lousa desprezada e lisa!

Porquê? Qual foi meu
crime, ó Deus terrível? Em
te adorar que fui, senão
insano?... O teu fatal
poder hoje maldigo!
O que te chama pai, mente: és tirano.

E se aos pés de teu trono

os ais não chegam; Se os
gemidos da terra os ares
somem; Se a Providência
é crença vã, mentida,
Porque geraste a
inteligência do homem?
Porque da virgem no
sorrir puseste

39

www.nead.unama.br

Santo presságio de suprema dita,
E apontaste ao poeta a
imensidade Na ânsia de
glória que em sua alma
habita?

A imensidade!... E que
me importa herdá-la, Se
na Terra passei sem ser
sentido? Que vale eterno
vaguear no espaço, Se
nosso nome se afundou
no olvido?

O ANJO-DA-GUARDA

Ímpio, silêncio! A
tua voz blasfema Da
noite a paz
perturba.

Verme, que te rebelas
Sob a mão do Senhor,
Vês os milhões d'estrelas
De nítido fulgor,
Que, em ordenada turba,
A Deus entoam
incessantes hinos?
Quantas vezes
apaga
Do livro da existência
Um orbe a mão do Eterno!
E o belo astro que expira
Maldiz a Providência,
Maldiz a mão que o esmaga?
Acaso pára o cântico superno?
Ou apenas suspira
O moribundo,
Que se chamava um mundo?
Quem vai pôr uma
campa sobre os restos
Desse inerte planeta,
Que o destrutor cometa
Incinerou na rápida passagem?
E tu, átomo obscuro,
Que varre à tarde a aragem,
Soltas do seio impuro
Maldição insensata,
Porque o teu Deus te
evoca à eternidade? Que
é o viver? O umbral, a que
um momento O espírito,

surgindo
Das solidões do nada
À voz do Criador, se
encosta, e atento
Contempla a luz e o
céu; donde desata Seu
vôo à imensidade.
Geme acaso o passarinho
De saudade,
Quando as asas
expande, e deixa o
ninho A vez primeira, a
mergulhar nos ares?
Volve olhos lacrimosos

40

www.nead.unama.br

Aos mares tormentosos
O navegante, quando
aproa às plagas Da
pátria suspirada?
Porque morres?!
Pergunta à Providência
Porque te fez nascer.
Qual era o teu direito
a ver o mundo; Teu
jus à existência?
Olha no Outono o ulmeiro
Que o vendaval agita,
E cujas tênues folhas

Aos centos precipita.

São a folha do ulmeiro
o nome e a fama, E o
amar dos humanos:
Ao nada do que foi
assim se atiram No
vórtice dos anos.

Que é a glória na
Terra? Um eco frouxo,
Que somem mil ruídos.
E a voz da Terra o que
é, na voz imensa Dos
orbes reunidos?

Amor!, amor terreno!...

Ai, se pudesses
Compreender a
amargura,

Com que te choro, ó
alma transviada! Eu,
que te amei do berço, e
qual doçura Há no
afecto que liga o anjo
ao homem,

Rindo despiras esse
corpo enfermo, Paru
te unir a mim, para
aspirares O gozo
celestial de amor sem
termo! Alma triste,

que mesquinha

Te debruças sobre o Inferno,

Ouve o anjo, pobrezinha;
Vem ao gozo sempiterno.
Resigna-te e espera, e os
dias de prova Serão para
o crente quais breves
instantes. Tomar-te-ei nos
braços no trance da
morte,
Fendendo o infinito
coas asas radiantes.
Depois, das alturas teu
térreo vestido Sorrindo
veremos na Terra
guardar E ao hino de
Hosana nos coros
celestes A voz de um
remido iremos juntar.

A GRAÇA

Que harmonia suave
É esta, que na mente
Eu sinto murmurar,
Ora profunda e grave,
Ora meiga e cadente,
Ora que faz chorar?
Porque da morte a sombra,
Que para mim em tudo

Negra se reproduz,
Se aclara, e desassombra
Seu gesto carrancudo,
Banhada em branda luz?
Porque no coração
Não sinto pesar tanto
O férreo pé da dor,
E o hino da oração,
Em vez de irado canto,
Me pede íntimo ardor?

És tu, meu anjo, cuja voz divina
Vem consolar a
solidão do enfermo, E
a contemplar com
placidez o ensina De
curta vida o derradeiro
termo?

Oh, sim!, és tu, que
na infantil idade,. Da
aurora à frouxa luz,
Me dizias:
«Acorda,
inocentinho, Faz o
sinal da Cruz.»
És tu, que eu via em
sonhos, nesses anos De
inda puro sonhar,
Em nuvem d'ouro e
púrpura descendo

Coas roupas a alvejar.
És tu, és tu!, que ao pôr
do Sol, na veiga, Junto
ao bosque fremente,
Me contavas
mistérios,
harmonias Dos
Céus, do mar
dormente.

És tu, és tu!, que, lá,
nesta alma absorta
Modulavas o canto,
Que de noite, ao luar,
sozinho erguia Ao
Deus três vezes
santo.

És tu, que eu esqueci
na idade ardente Das
paixões juvenis,
E que voltas a mim,
sincero amigo,
Quando sou infeliz.
Sinta a tua voz de novo,
Que me revoca a Deus:
Inspira-me a esperança,
Que te seguiu dos Céus!...

RESIGNAÇÃO

No teu seio, reclinado
Dormirei, Senhor, um dia,
Quando for na terra fria

Meu repouso procurar;
Quando a lousa do sepulcro
Sobre mim tiver caído,

42

www.nead.unama.br

E este espírito afligido
Vir a tua luz brilhar!

No teu seio, de pesares
O existir não se entretece;
Lá eterno o amor floresce;
Lá floresce eterna paz:

Lá bramir junto ao poeta
Não irão paixões e dores,
Vãos desejos, vãos temores
Do desterro em que ele jaz.

Hora extrema, eu te saúdo!
Salve, ó trevas da jazida,
Donde espera erguer-se à vida
Meu espírito imortal!

Anjo bom, não me abandones
Neste trance dilatado;
Que contrito, resignado,
Me acharás na hora fatal.

E depois... perdoa, ó anjo,
Ao amor do moribundo,
Que só deixa neste mundo

Pouco pó, muito gemer.

Oh... depois... diz à mesquinha
Um segredo de doçura:
Que na pátria o amor se apura,
Que o desterro viu nascer.

Que é o Céu a pátria nossa;
Que é o mundo exílio breve;
Que o morrer é cousa leve;
Que é *princípio*, não é *fim*:

Que duas almas que se amaram
Vão lá ter nova existência,
Confundidas numa essência,
A de um novo querubim.

DEUS

Nas horas de
silêncio, à
meia-noite, Eu
louvarei o Eterno!
Ouçam-me a terra, e os
mares rugidores, E os
abismos do Inferno.
Pela amplidão dos céus meus cantos
soem,

E a Lua resplendente

Pare em seu giro, ao
ressoar nest'harpa O
hino do Onipotente.

Antes de tempo haver,
quando o infinito Media
a eternidade,
E só do vácuo as solidões enchia
De Deus a imensidade,
Ele existia, em sua essência envolto,
E fora dele o nada:
No seio do criador a vida do homem
Estava ainda guardada;
Ainda então do mundo
os fundamentos Na
mente se escondiam
De Jeová, e os astros fulgurantes
Nos céus não se volvião.

Eis o Tempo, o
Universo, o
Movimento Das mãos
solta o Senhor.
Surge n Sol, banha a
Terra, desabrocha
Nesta a primeira flor;
Sobre o invisível eixo range o globo;
O vento o bosque ondeia;
Retumba ao longe o
mar; da vida a força A
natureza anseia!

Quem, dignamente, ó
Deus, há-de louvar-te, Ou
cantar Teu poder?
Quem dirá de Teu
braço as maravilhas,
Fonte de todo o ser,
No dia da Criação;
quando os tesouros
Da neve amontoaste;
Quando da Terra nos
mais fundos vales As
águas encerraste?!

E eu onde estava. quando o
Eterno os mundos, Com
destra poderosa,
Fez, por lei imutável, se livrassem
Na mole ponderosa?
Onde existia então ? No tipo imenso
Das gerações futuras;
Na mente do meu
Deus. Louvor a Ele
Na Terra e nas
alturas!
Oh, quanto é grande o rei
das tempestades, Do raio,
e do trovão!
Quão grande o Deus, que
manda, em seco estio, Da
tarde a viração!
Por Sua providência

nunca, embalde,
Zumbiu mínimo
inseto;
Nem volveu o elefante, em campo
estéril,

44

www.nead.unama.br

Os olhos inquieto.
Não deu Ele à avezinha
o grão da espiga, Que
ao ceifador esquece:
Do norte ao urso o
sol da Primavera,
Que o reanima e
aquece?
Não deu Ele à gazela
amplos desertos, Ao
certo a amena selva,
Ao flamingo os pauis,
ao tigre o antro, No
prado ao touro a
relva?
Não mandou Ele ao
mundo, em luto e trevas,
Consolação e luz?
Acaso em vão algum
desventurado
Curvou-se aos pés
da Cruz?

A quem não ouve Deus?
Somente ao ímpio No dia
da aflição,
Quando pesa sobre ele,
por seus crimes. Do
crime a punição.

Homem, ente imortal,
que és tu perante A
face do Senhor?
És a junça do brejo,
harpa quebrada Nas
mãos do trovador!
Olha o velho
pinheiro,
campeando Entre
as neves alpinas:
Quem irá derribar o
rei dos bosques Do
trono das colinas?
Ninguém! Mas aí do
abeto, se o seu dia
Extremo Deus mandou!
Lá correu o aquilão: fundas raízes
Aos ares lhe assoprou.
Soberbo, sem temor,
saiu na margem Do
caudaloso Nilo,
O corpo monstruoso
ao sol voltando,
Medonho crocodilo.

De seus dentes em
roda o susto habita:
Vê-se a morte
assentada
Dentro em sua
garganta, se descerra
A boca afogueada:
Qual duro arnês de
intrépido guerreiro É
seu dorso escamoso;
Como os últimos ais
de um moribundo Seu
grito lamentoso:
Fumo e fogo respira
quando irado;
Porém, se Deus
mandou,
Qual do norte impelida
a nuvem passa, Assim
ele passou!

Teu nome ousei cantar!
Perdoa, ó Nume;
Perdoa ao teu cantor!
Dignos de ti não são meus frouxos
hinos,

Mas são hinos de amor.
Embora vis hipócritas te pintem

Qual bárbaro tirano:
Mentem, por dominar
com férreo ceptro O
vulgo cego e insano.
Quem os crê é um ímpio! Recear-te
É maldizer-te, ó Deus;
É o trono dos déspotas da Terra
Ir colocar nos Céus.
Eu, por mim, passarei
entre os abrolhos Dos
males da existência
Tranquilo, e sem temor,
à sombra posto Da Tua
Providência.

A TEMPESTADE

Sibila o vento: os
torreões de nuvens
Pesam nos densos
ares:
Ruge ao largo a procela, e
encurva as ondas Pela
extensão dos mares:
A imensa vaga ao
longe vem correndo
Em seu terror envolta;
E, dentre as sombras,
rápidas centelhas A
tempestade solta.
Do sol no ocaso um raio derradeiro,
Que, apenas fulge, morre,

Escapa à nuvem, que,
apressada e espessa,
Para apagá-lo corre.

Tal nos afaga em
sonhos a esperança,
Ao despontar do dia,
Mas, no acordar, lá
vem a consciência
Dizer que ela mentia!

As ondas negro-azuis
se conglobaram;
Serras tornadas são,
Contra as quais outras
serras, que se arqueiam,
Bater, partir-se vão.

Ó tempestade! Eu te saúdo, ó nume
Da natureza açoite!

Tu guias os bulhões,
do mar princesa, E é
teu vestido a noite!
Quando pelos pinhais,
entre o granizo, Ao
sussurrar das ramas,
Vibrando sustos, pavorosa ruges
E assolação derramas,
Quem porfiar contigo, então, ousara
De glória e poderio;
Tu que fazes gemer
pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?

Das nuvens nos castelos,
E ver dos ferros meus,
enfim, quebrados Os
rebatidos elos.
Eu rodeara, então o globo inteiro;
Eu sublevara as águas;
Eu dos vulcões com
raios acendera
Amortecidas
fráguas;
Do robusto carvalho
e sobro antigo
Acurvaria as fronte;
Com furacões, os areais da Líbia
Converteria em montes;
Pelo fulgor da Lua, lá do norte
No pólo me assentara,
E vira prolongar-se o gelo eterno,
Que o tempo amontoara.
Ali, eu solitário, eu rei da morte,
Erguera meu clamor,
E dissera: «Sou livre,
e tenho império; Aqui,
sou eu senhor!»

Quem se pudera erguer,
como estas vagas, Em

turbilhões incertos,
E correr, e correr,
troando ao longe,
Nos líquidos
desertos!

Mas entre membros
de lodoso barro A
mente presa está!...
Ergue-se em vão aos
céus: precipitada,
Rápido, em baixo dá.

Ó morte, amiga morte!
é sobre as vagas, Entre
escarcéus erguidos,
Que eu te invoco,
pedindo-te feneçam
Meus dias aborridos:
Quebra duras prisões,
que a natureza
Lançou a esta alma
ardente;

Que ela possa voar,
por entre os orbes, Aos
pés do Onipotente.

Sobre a nau, que me
estreita, a prenhe nuvem
Desça, e estourando a
esmague,
E a grossa proa, dos
tufões ludíbrio, Solta,

sem rumo vague!

Porém, não!... Dormir deixa
os que me cercam O sono
do existir;

Deixa-os, vãos
sonhadores de
esperanças Nas trevas
do porvir.

Doce mãe do repouso,
extremo abrigo De um
coração opresso,
Que ao ligeiro prazer,
à dor cansada Negas
no seio acesso,

47

www.nead.unama.br

Não despertes, oh não!
os que abominam Teu
amoroso aspeito;
Febricitantes, que se
abraçam, loucos, Com
seu dorido leito!
Tu, que ao mísero ris
com rir tão meigo,
Caluniada morte;
Tu, que entre os braços
teus lhe dás asilo Contra
o furor da sorte;
Tu, que esperas às

portas dos senhores,
Do servo ao limiar,
E eterna corres,
peregrina, a terra E
as solidões do mar,
Deixa, deixa sonhar
ventura os homens; Já
filhos teus nasceram:
Um dia acordarão
desses delírios,
Que tão gratos lhes
eram.

E eu que velo na vida,
e já não sonho Nem
glória nem ventura;
Eu, que esgotei tão
cedo, até às fezes, O
cálix da amargura:
Eu, vagabundo e pobre,
e aos pés calcado De
quanto há vil no mundo,
Santas inspirações
morrer sentindo Do
coração no fundo,
Sem achar no
desterro uma
harmonia De alma,
que a minha entenda,
Porque seguir, curvado
ante a desgraça, Esta
espinhosa senda?

Torvo o oceano vai!
Qual dobre, soa
Fragor da
tempestade,
Salmo de mortos, que
retumba ao longe, Grito
da eternidade!...

Pensamento
infernai! Fugir
covarde Ante o
destino iroso?
Lançar-me, envolto em
maldições celestes, No
abismo tormentoso?
Nunca! Deus pôs-se
aqui para apurar-me
Nas lágrimas da terra;
Guardarei minha
estância atribulada,
Com meu desejo em
guerra.

O fiel guardador
terá seu prêmio, O
seu repouso, enfim,
E atalaiar o sol de
um dia extremo Virá
outro após mim.
Herdarei o morrer!
Como é suave
Bênção de pai

querido.
Será o despertar, ver
meu cadáver, Ver o
grilhão partido.

48

www.nead.unama.br

Um consolo,
entretanto, resta
ainda Ao pobre
velador:
Deus lhe deixou, nas
trevas da existência,
Doce amizade e amor.
Tudo o mais é
sepulcro branqueado
Por embusteira mão;
Tudo o mais vãos
prazeres que só trazem
Remorso ao coração.
Passarei minha noite
a luz tão meiga, Até o
amanhecer;
Até que suba à
pátria do repouso,
Onde não há
morrer.

O SOLDADO

I

Veia tranquila e pura
De meu paterno rio,
Dos campos, que ele rega,
Mansíssimo armentio.

Rocio matutino,
Prados tão deleitosos,
Vales, que
assombravam
selvas De
sinceirais
frondosos,

Terra da minha infância,
Tecto de meus maiores,
Meu breve jardimzinho,
Minhas pendidas flores,

Harmonioso e santo
Sino do presbitério,
Cruzeiro venerando
Do humilde cemitério,

Onde os avós dormiram,
E dormirão os pais;
Onde eu talvez não durma,
Nem reze, talvez, mais,

Eu vos saúdo!, e o longo
Suspiro amargurado
Vos mando. E quanto pode

Mandar pobre soldado.

Sobre as cavadas ondas
Dos mares procelosos,
Por vós já fiz soar

49

www.nead.unama.br

Meus cantos dolorosos.

Na proa ressonante
Eu me
assentava
mudo, E
aspirava
ansioso

O vento frio e agudo;

Porque em meu
sangue ardia A
febre da
saudade,
Febre que só minora
Sopro de tempestade;

Mas que se
irrita, e dura
Quando é
tranquilo o
mar; Quando
da pátria o céu
Céu puro vem

lembrar;

Quando, no
extremo ocaso,
A nuvem
vaporosa,
À frouxa luz da tarde,
Na cor imita a rosa;

Quando, do
Sol vermelho
O disco
ardente
cresce, E paira
sobre as
águas, E enfim
desaparece;

Quando no mar
se estende
Manto de negro
dó;

Quando, ao
quebrar do vento,
Noite e silêncio é
só;

Quando
sussurram
meigas Ondas
que a nau
separa, E a
rápida ardentia

Em torno a
sombra aclara.

II

Eu já ouvi, de noite,
Entre o
pinhal
fechado, Um
frêmito
soturno
Passando o vento irado:

Assim o murmúrio
Do mar,
fervendo à
proa, Com o
gemer do
aflito, Sumido,
acorde soa;
E o cintilar das águas

Gera amargura
e dor, Qual
lâmpada, que
pende No
templo do

Senhor,

Lá pela
madrugada,
Se o óleo lhe
escasseia, E
a espaços
expirando.
Afrouxa e
bruxuleia.

III

Bem
abundante
messe De
pranto e de
saudade O
foragido
errante
Colhe na soledade!

Para o que a
pátria perde É
o universo
mudo;
Nada lhe ri na vida;
Mora o fastio em tudo;

No meio das
procelas, Na
calma do
oceano, No

sopro do
galerno, Que
enfuna o largo
pano.

E no entestar
coa terra Por
abrigado
esteiro, E no
pousar à
sombra Do
tecto do
estrangeiro.

IV

E essas
memórias
tristes Minha
alma
laceraram, E a
senda da
existência
Bem agra me
tornaram:

Porém nem
sempre férreo
Foi meu
destino escuro;
Sufocou de luz
um raio As
trevas do

futuro.

Do meu país
querido A
praia ainda
beije, E o
velho e amigo
cedro No vale
ainda abracei!

Nesta alma
regelada
Surgiu
ainda o
gozo,

51

www.nead.unama.br

E um sonho
lhe sorriu
Fugaz, mas
amoroso.

Oh, foi sonho
da infância
Desse
momento o
sonho! Paz e
esperança
vinham Ao
coração
tristonho.

Mas o sonhar
que monta, Se
passa, e não
conforta?
Minh'alma deu
em terra,
Como se fosse
morta.

Foi a
esperança
nuvem, Que o
vento some á
tarde: Facho de
guerra aceso
Em labaredas
arde!

Do fraticídio a luva
Irmão a
irmão
lançara, E o
grito: ai do
vencido! Nos
montes
retumbara.

As armas se
hão cruzado: O
pó mordeu o
fone; Caiu:
dorme

tranquilo:
Deu-lhe
repouso a
morte.

Ao menos,
nestes campos
Sepulcro
conquistou, E o
adro dos
estranhos Seus
ossos não
guardou.

Ele herdará,
ao menos,
Aos seus
honrado
nome; Paga
de curta vida
Ser-lhe-á

largo renome.

V

E a bala sibilando,
E o trom da
artilharia, E
a tuba
clamorosa,
Que os peitos acendia,

E as
ameaças
torvas, E os
gritos de
furor,
E desses que
expiravam
Som cavo de
estertor, E as
pragas do
vencido,

52

www.nead.unama.br

Do vencedor o insulto.
E a palidez do morto,
Nu, sangüento, insepulto,

Eram um caos de dores
Em convulsão horrível,
Sonho de acesa febre,
Cena tremenda e incrível!

E suspirei: nos olhos
Me borbulhava o pranto,
E a dor, que trasbordava,
Pedi-me infernal canto.

Oh, sim!,
maldisse o
instante, Em que

buscar viera,
Por entre as tempestades,
A terra em que nascera.

Que é, em fraternas lides,
Um canto de vitória?
É delirar maldito;
É triunfar sem glória.

Maldito era o triunfo,
Que rodeava o horror,
Que me tingia tudo
De sanguinosa cor!

Então olhei saudoso
Para o sonoro mar;
Da nau do vagabundo
Meigo me riu o arfar.

De desespero um brado
Soltou, ímpio, o poeta,
Perdão! Chegara o mísero
Da desventura à meta.

VI

Terra infame! – de
servos aprisco,
Mais chamar-me
teu filho não sei;
Desterrado,
mendigo serei:
De outra terra meus ossos serão!

Mas a escravo, que
pugna por ferros, Que
herdará desonrada
memória, Renegando
da terra sem glória,
Nunca mais darei
nome de irmão!

53

www.nead.unama.br

Onde é livre tem
pátria o poeta, Que
ao exílio condena
ímpia sorte. Sobre
os plainos gelados
do norte Luz do Sol
também desce do
céu;

Também lá se erguem
montes. e o prado De
boninas, em Maio. se
veste; Também lá se
meneia o cipreste Sobre
o corpo que à terra
desceu.

Que me importa o
loureiro da encosta?
Que me importa da

fonte o ruído? Que me
importa o saudoso
gemido Da rolinha
sedenta de amor?

Que me importam
outeiros cobertos Da
verdura da vinha, no
Estio?

Que me importa o
remanso do rio, E,
na calma, da selva
o frescor?

Que me importa o
perfume dos campos,
Quando passa da tarde
a bafagem, Que se
embebe, na sua
passagem, Na
fragrância da rosa e
alecrim?

Que me importa?
Pergunta insensata! É
meu berço: a minha
alma está lá... Que me
importa... Esta boca o
dirá?! Minha pátria,
estou louco... menti!

Eia, servos! O ferro se cruze,
Assobie o pelouro nos ares;

Estes campos
convertam-se em
mares, Onde o sangue
se possa beber!

Larga a vala!, que,
após a peleja,
Todos nós
dormiremos unidos!
Lá, vingados, e do
ódio esquecidos,
Paz faremos...
depois do morrer!

VII

Assim, entre amarguras,
Me delirava a mente;
E o Sol ia fugindo
No termo do Ocidente.

E os fortes lá jaziam
Coa face ao céu voltada;

54

www.nead.unama.br

Sorria a noite
aos monos,
Passando
sossegada.

Porém, a noite deles

Não era a
que passava!
Na eternidade
a sua
Corria, e não findava.

Contrários
ainda há pouco,
Irmãos, enfim,
lá eram! O seu
tesouro de
ódio, Mordendo
o pó, cederam.

No limiar da morte
Assim tudo fenece:
Inimizades calam,
E até o amor esquece!

Meus dias rodeados
Foram de
amor outrora;
E nem um
vão suspiro
Terei,
morrendo,
agora,

Nem o apertar
da destra Ao
desprender
da vida, Nem
lágrima

fraterna
Sobre a feral jazida!

Meu
derradeiro
alento Não
colherão os
meus. Por
minha alma
aterrada
Quem pedirá
a Deus?

Ninguém! Aos
pés o servo
Meus restos
calcará,
E o riso
ímpio,
odiento,
Mofando
soltará.

O sino lutuoso
Não lembrará
meu fim: Preces,
que o morto
afagam, Não se
erguerão por
mim!

O filho dos desertos,
O lobo carniceiro,

Há-de escutar alegre
Meu grito derradeiro!

Ó morte, o sono teu
Só é sono mais largo;

55

www.nead.unama.br

Porém, na juventude,
É o dormi-lo amargo:

Quando na
vida nasce
Essa
mimosa flor,
Como a
cecém
suave,
Delicioso
amor;

Quando a
mente
acendida Crê
na ventura e
glória; Quando
o presente é
tudo. E inda
nada a
memória!

Deixar a cara vida,

Então é doloroso,
E o moribundo
à Terra Lança
um olhar
saudoso.

A taça da existência
No fundo fezes tem;
Mas os
primeiros
tragos Doces,
bem doces,
vem.

E eu morrerei agora
Sem abraçar
os meus,
Sem jubiloso
um hino
Alevantar aos Céus?

Morrer, morrer,
que importa?
Final suspiro,
ouvi-lo
Há-de a
pátria. Na
terra Irei
dormir
tranquilo.

Dormir? Só
dorme o frio

Cadáver, que
não sente; A
alma voa a
abrigar-se Aos
pés do
Onipotente.

Reclinar-me-ei à
sombra Do
amplo perdão
do Eterno; Que
não conheço o
crime, E erros
não pune o
Inferno.

E vós, entes
queridos,
Entes que
tanto amei,
Dando-vos
liberdade
Contente acabarei.

Por mim livres chorar
Vós podereis um dia,

E às cinzas do soldado
Erguer memória pia.

D. PEDRO

Pela encosta do Líbano, rugindo,
O noto furioso

Passou um dia,
arremessando à terra
O cedro mais
frondoso;

Assim te sacudiu da
morte o sopro Do
carro da vitória,
Quando, ébrio de
esperanças, tu sorrias,
Filho caro da glória.
Se, depois de procela em
mar de escolhos, A
combatida nave
Vê terra e vento
abrandar, o porto aferra,
Com júbilo suave.

Também tu
demandaste o Céu
sereno, Depois de uma
ádua lida:

Deus te chamou: o
prémio recebeste
Dos méritos da vida.
Que é esta? Um ermo de
espinhais cortado, Onde
foge o prazer:
Para o justo ela existe

além da campa: Teme
o ímpio o morrer.
Plante-se a acácia, o
símbolo do livre, Junto
às cinzas do forte:
Ele foi rei – e combateu tiranos –
Chorai, chorai-lhe a morte!
Regada pelas
lágrimas de um
povo, A planta
crescerá;
E à sombra dela a
frente do guerreiro
Plácida pousará.
Essa frente das
balas respeitada,
Agora a traga o pó:
Do valente, do bom,
do nosso Amigo
Restam memórias só;
Mas estas, entre nós,
com a saudade
Perenes viverão,
Enquanto, à voz de
pátria e liberdade.
Ansiar um coração.
Nas orgias de
Roma, a prostituta,
Folga, vil opressor:
Folga com os
hipócritas do Tibre;

Morreu teu
vencedor.
Envolto em maldições,
em susto, em crimes
Fugiste, desgraçado:
Ele, subindo ao Céu,
ouviu só gueixas, E
um choro não
comprado:
Encostado na borda do sepulcro,

57

www.nead.unama.br

O olhar atrás volveu,
As suas obras
contemplou
passadas, E em paz
adormeceu:
Os teus dias também
serão contados,
Covarde foragido;
Mas será de
remorso tardo e
inútil Teu último
gemido:
Do passamento o
cálix lhe adoçaram
Uma filha, urna
esposa:
Quem, tigre cru, te

cercará o leito,
Nessa hora
pavorosa?

Deus, tu és bom: e o
virtuoso em breve
Chamas ao gozo
eterno,
E o ímpio deixas
saciar de crimes,
Para o sumir no
Inferno?

Alma gentil, que assim
nos hás deixado,
Entregues à alta dor,
Anjo das preces nos
serás, perante O
trono do Senhor:
E quando, cá na
Terra, o poderoso
As Leis aos pés
calcar,
Junto do teu
sepulcro irá o
opresso Seus males
deplorar:

Assim, no Oriente, de
Albuquerque às cinzas O
desvalido indiano
Mais de urna vez foi
demandar vingança De
um déspota inumano.

Mas quem ousará à
pátria tua e nossa
Curvar nobre cerviz?
Quem roubará ao lusitano povo
Um povo ser feliz?
Ninguém! Por tua glória
os teus soldados Joram
livres viver.
Ai do tirano que primeiro ousasse
Do voto escarnecer!
Nesse abraço final,
que nos legaste,
Legaste o gênio teu:
Aqui – no coração –
nós o guardamos; Teu
gênio não morreu.
Jaz em paz: essa terra,
que te esconde, O
monstro abominado
Só pisará ao baquear sobre ela
Teu último soldado.

Eu também combati:
nus pátrias lides
Também colhi um
louro:
O prantear o
Companheiro
extinto Não me será
desdouro.
Para o Sol do Oriente

outros se voltem, Calor
e luz buscando:

58

www.nead.unama.br

Que eu pelo belo Sol,
que jaz no ocaso, Cá
ficarei chorando.

A VITÓRIA E A PIEDADE

I

Eu nunca fiz soar
meus pobres cantos
Nos paços dos
senhores!
Eu jamais
consagrei hino
mentido Da terra
dos opressores.
Mal haja o trovador
que vai sentar-se À
porta do abastado,
O qual com ouro paga a
própria infâmia, Louvor
que foi comprado.
Desonra àquele, que ao
poder e ao ouro
Prostitui o alaúde!
Deus à poesia deu
por alvo a pátria, Deu

a glória e a virtude.
Feliz ou infeliz,
triste ou contente,
Livre o poeta seja,
E em hino isento a
inspiração transforme
Que na sua alma adeja.

II

No despontar da
vida, do infortúnio
Murchou-me o sopro
ardente;
E saudades curti
em longes terras Da
minha terra
ausente.
O solo do desterro,
ai, quanto ingrato É
para o foragido,
E nevoados o céu, árido o prado,
O rio adormecido!
E lá chorei, na idade
da esperança, Da
pátria a dura sorte;
Esta alma encaneceu;
e antes de tempo
Ergueu hinos à morte;
Que a morte é para o
miserável risonha, Santa
da campa a imagem

Ali é que se aferra
o porto amigo,
Depois de árdua
viagem.

III

Mas quando o pranto me
sulcava as faces, Pranto
de atroz saudade,
Deus escutou do
vagabundo as preces,
Dele teve piedade.
«Armas», bradaram no desterro os
fortes,

59

www.nead.unama.br

Como bradar de um só:
Erguem-se, voam,
cingem ferros; cinge-os
Indissolúvel nó.
Com seus irmãos as
sacrossantas juras,
Beijando a cruz da
espada,
Repetiu o poeta: «Eia, partamos!
Ao mar!» Partia a armada,
Pelas ondas azuis
correndo afoutos, As
praias demandamos

Do velho Portugal, e
o balção negro Da
guerra
despregamos;
De guerra em que era
infâmia o ser piedoso,
Nobreza o ser cruel,
E em que o golpe
mortal descia envolto
Das maldições no fel.

IV

Fanatismo brutal, ódio fraterno,
De fogo céus toldados,
A fome, a peste, o mar
avaro, as turbas De
inúmeros soldados;
Comprar com sangue pão,
com sangue o lume Em
regelado Inverno;
Eis contra o que, por
dias de amargura, Nos
fez lutar o Inferno.
Mas de fera vitória,
enfim, colhemos A
c'roa de cipreste;
Que a fronte ao
vencedor em ímpia luta
Só essa c'roa veste.
Como ela torvo, soltarei um hino
Depois do triunfar.

Oh, meus irmãos, da
embriaguez da guerra
Bem triste é o acordar!
Nessa alta encosta
sobranceira aos campos,
De sangue ainda impuros,
Onde o canhão troou
por mais de um ano
Contra invencíveis
muros,
Eu, tomando o
alaúde, irei sentar-me,
Pedir inspirações
À noite queda, ao
gênio que me ensina
Segredos das
canções.

V

Reina em silêncio a lua;
o mar não brame, Os
ventos nem bafejam;
Rasas co'a terra, só noturnas aves
Em giros mil adejam.
No plaino pardacento, junto ao marco

Tombado, ou rota sebe,
Aqui e ali, de ossadas insepultas

O alvejar se percebe.
É que essa veiga, tão
festiva outrora, Da
paz tranquilo império,
Onde ao carvalho a
vide se enlaçava, É
hoje um cemitério!

VI

Eis de esforçados mil
inglórios restos,
Depois de brava lida;
De longo combater
atroz *memento* Em
guerra fratricida.
Nenhum padrão
recordará aos homens
Seus feitos
derradeiros.
Nem dirá: – «Aqui
dormem portugueses;
Aqui dormem
guerreiros.»
Nenhum padrão, que peça
aos que passarem Reza
fervente e pia,
E junto ao qual entes
queridos vertam O
pranto da agonia!
Nem hasteada cruz,
consolo ao morto;

Nem lájea que os
proteja
Do ardente sol, da
noite úmida e fria,
Que passa e que
roreja!
Não! Lá hão-de jazer
no esquecimento De
desonrada morte,
Enquanto, pelo tempo
em pó desfeitos, Não
os dispersa o norte.

VII

Quem, pois, consolará
gementes sombras, Que
ondeiam junto a mim?
Quem seu perdão da
Pátria implorar ousa, Seu
perdão do Elohim?
Eu, o cristão, o trovador do exílio,
Contrário em guerra crua,
Mas que não sei
verter o fel da afronta
Sobre uma ossada
nua.

VIII

Lavradores, zagais,
descem dos montes,
Deixando terras, gados,

Para as armas vestir,
dos céus em nome, Por
fariseus chamados.
De um Deus de paz
hipócritas ministros Os
tristes enganaram:

61

www.nead.unama.br

Foram eles, não nós,
que estas caveiras Aos
vermes consagraram.

Maldito sejas tu,
monstro do Inferno,
Que do Senhor no
templo,
Junto da eterna Cruz,
ao crime incitas, Dás
do furor o exemplo!
Sobre as cinzas da
Pátria, ímpio, pensaste
Folgar de nosso mal,
E, entre as ruínas de
cidade ilustre, Soltar
riso infernal.

Tu, no teu coração incipiente,
Disseste: – «Deus não há!»
Ele existe, malvado; e
nós vencemos:
Treme; que tempo é

já!

IX

Mas esses, cujos
ossos espalhados
No campo da peleja
Jazem, exoram a
piedade nossa;
Piedoso o livre
seja!

Eu pedirei a paz dos inimigos,
Mortos coma valentes,
Ao Deus nosso juiz,
ao que distingue
Culpados de
inocentes.

X

Perdoou, expirando, o
Filho do Homem Aos
seus perseguidores;
Perdão, também, às
cinzas de infelizes;
Perdão, oh
vencedores!

Não insulteis o morto.
Ele há comprado Bem
caro o esquecimento,
Vencido adormecendo
em morte ignóbil, Sem
dobre ou monumento.

C tempo d'olvidar
ódios profundos De
guerra deplorável.
O forte é generoso, e
deixa ao fraco O ser
inexorável.
Oh, perdão para aquele
a quem a morte No
seio agasalhou!
Ele é mudo:
pedi-lo já não
pode; O dá-lo a
nós deixou.
Além do limiar da eternidade
Cl mundo não tem réus,
O que levou à terra
o pó da terra
Julgá-lo cabe a
Deus.
E vós, meus
companheiros, que não
vistes Nossa triste
vitória,

62

www.nead.unama.br

Não precisais do trovador o canto:
Vosso nome é da história.

Assim, foi do infeliz sobre a jazida
Que um hino murmurei,
E, do vencido consolando a sombra,
Por vós eu perdoei.

Este fragmento, que segue, e que servirá para inteligência dos precedentes versos, pertence a um livro já todo escrito no entendimento, mas de que só alguns capítulos estão trasladados ao papel. A Guerra da Restauração de 1832 a 1833 é o acontecimento mais espantoso e mais poético deste século. Entre os soldados de D. Pedro havia poetas: militava conosco o autor de *D. Branca*, do *Camões*. de *João Mínimo*; o Sr. Lopes de Lima, e outros: mas a política engodou todos os engenhos, e levou-os consigo. Os homens de bronze, os sete mil de Mindelo, não tiveram um cantor; e apenas en, o mais obscuro de todos, salvei em minha humilde prosa uma diminuta porção de tanta riqueza poética. Oxalá que esse mesmo trabalho, ainda que de pouca valia, não fique esmagado e sumido debaixo do Leviatã da política. Todos nós temos vendido a nossa alma ao espírito imundo do jornalismo. E o mais é que poucos conhecem uma coisa: que política de poetas vale, por via de regra, tanto como poesia de políticos.

Fragmento. – O combate da antevéspera estava ainda vivo na minha imaginação: eu cria ver ainda os cadáveres dos meus amigos e

camaradas, espalhados ao redor do fatal reduto, em que estava assentado: ainda me soavam nos ouvidos o seu clamor de entusiasmo ao acometê-lo, o sibilar das balas, o grito dos feridos, o som das armas, caindo-lhes das mãos, o gemido doloroso e longo da sua agonia, o estertor de moribundos, e o arranco final do morrer. Os dentes me rangeram de cólera, e a lágrima envergonhada de soldado me escorregou pelas faces. O Porto estava descercado; mas quantos valentes caíram nesse dia! Eu ia amaldiçoar os cadáveres dos vencidos, que ainda por aí jaziam; porém, pareceu-me que eles se alevantavam e me diziam: «lembra-te de que também fomos soldados; lembra-te de que fomos vencidos!» E eu bem sabia que inferno lhes devia ter sido, no momento de expirarem, as idéias de soldado e de vencimento, conglobadas numa só, como tremenda e indelével ignomínia, estampada na fronte do que ia transpor os umbrais do outro mundo. Então orei a Deus por eles: antes de irmão de armas eu tinha sido cristão; e Jesus Cristo perdoara, entre as afrontas da Cruz, aos seus assassinos. A idéia de perdão parecia me consolava da perda de tantos e tão valentes amigos. Havia nessa idéia torrentes de poesia; e eu te devia então, ó crença do Evangelho, talvez a melhor das minhas pobres canções. (*Da Minha Mocidade – Poesia e Meditação.*)

A CRUZ MUTILADA

Amo-te, ó cruz, no vértice, firmada
De esplêndidas igrejas;
Amo-te quando à noite, sobre a campa,
Junto ao cipreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre
incensos,

63

www.nead.unama.br

As preces te rodeiam;
Amo-te quando em préstito festivo
As multidões te hasteiam;
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbitério,
Ou quando o morto,
impressa no ataúde,
Guias ao cemitério;
Amo-te, ó cruz, até, quando no vale
Negrejas triste e só,
Núncia do crime, a que deveu a terra
Do assassinado o pó:

Porém quando mais te amo,
Ó cruz do meu Senhor,
É, se te encontro à tarde,
Antes de o Sol se pôr,

Na clareira da serra,
Que o arvoredado assombra,

Quando à luz que fenece
Se estira a tua sombra,

E o dia últimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hino da tarde
O pinheiral murmura.

*

E eu te encontrei, num
alcantil agreste, Meia
quebrada, ó cruz.
Sozinha estavas Ao pôr
do Sol, e ao elevar-se a
Lua

Detrás do calvo cerro. A soledade
Não te pôde valer
contra a mão ímpia,
Que te feriu sem dó.

As linhas puras

De teu perfil, falhadas, tortuosas,
Ó mutilada cruz, falam de um crime
Sacrílego, brutal e ao ímpio inútil!
A tua sombra estampa-se no solo,
Como a sombra de
antigo monumento, Que
o tempo quase derrocou,
truncada. No pedestal
musgoso, em que te
ergueram Nossos avós,
eu me assentei. Ao

longe, Do presbitério
rústico mandava
O sino os simples sons
pelas quebradas Da
cordilheira, anunciando
o instante
Da ave-maria; da oração singela,
Mas solene, mas santa, em
que a voz do homem Se
mistura nos cânticos
saudosos,
Que a natureza envia ao Céu no
extremo

64

www.nead.unama.br

Raio de sol, pasmado fugitivo
Na tangente deste orbe,
ao qual trouxeste
Liberdade e progresso, e
que te paga Com a
injúria e o desprezo, e
que te inveja Até, na
solidão, o esquecimento!

*

Foi da ciência incrédula o sectário,
Acaso, ó cruz da serra, o
que na face Afrontas te
gravou com mão profusa?

Não! Foi o homem do
povo, a quem consolo Na
miséria e na dor
constante hás sido Por
bem dezoito séculos: foi
esse

Por cujo amor surgias qual remorso
Nos sonhos do abastado
ou do tirano. Bradando –
esmola! a um; *piedade!* ao
outro.

Ó cruz, se desde o
Gólgota não foras
Símbolo eterno de
urna crença eterna; Se
a nossa fé em ti fosse
mentida,
Dos oprimidos de outrora
os livres netos Por sua
ingratidão dignos de
opróbrio, Se não te
amassem, ainda assim
seriam. Mas és núncia
do Céu, e eles te
insultam, Esquecidos
das lágrimas perenes
Por trinta gerações, que
guarda a campa.
Vertidas a teus pés nos
dias torvos

Do seu viver d'escravidão!
Deslembra-se

De que. se a paz
doméstica, a pureza
Do leito conjugal bruta
violência
Não vai contaminar, se
a filha virgem Do
humilde camponês não
é ludíbrio Do opulento,
do nobre, ó Cruz. to
devem; Que por ti o
cultor de férteis campos
Colhe tranquilo da
fadiga o prémio,
Sem que a voz de um
senhor, qual dantes, dura
Lhe diga: «É meu, e és
meu! A mim deleites,
Liberdade, abundância: a ti,
escravo, O trabalho. a
miséria unido à terra,
Que o suor dessa fronte fertiliza,
Enquanto, em dia de furor ou tédio,
Não me apraz com teus restos
fecundá-la.»

Quando calada a
humanidade ouvia
Este atroz blasfemar,
tu te elevaste

Lá do Oriente, ó Cruz,
envolta em glória, E
bradaste, tremenda, ao
forte, ao rico:
«Mentira!», e o servo
alevantou os olhos,

65

www.nead.unama.br

Onde a esperança
cintilava, a medo, E
viu as faces do
senhor retintas
Em palidez mortal, e
errar-lhe a vista
Trépida, vaga. A cruz
no céu do Oriente Da
liberdade anunciara a
vinda.

Cansado, o ancião
guerreiro, que a existência
Desgastou no volver de
cem combates, Ao ver que,
enfim, o seu país querido
Já não ousam calcar os
pés d'estranhos, Vem
assentar-se à luz meiga da
tarde, Na tarde do viver,
junto do teixo
Da montanha natal. Na fronte calva,

Que o sol tostou e que
enrugaram anos, Há
um como fulgor sereno
e santo.

Da aldeia semideus,
devem-lhe todos D
tecto, a liberdade, e a
honra e vida. Ao
perpassar do
veterano, os velhos
A mão que os protegeu
apertam gratos; Com
amorosa timidez os
moços

Saúdam-no qual pai.
Nus largas noites Da
gelada estação, sobre
a lareira

Nunca lhe falta o cepo incendiado;
Sobre a mesa frugal
nunca, no estio,
Refrigerante pomo.

Assim do velho
Pelejador os derradeiros dias
Derivam paru o túmulo suaves,
Rodeados de afecto,
e quando à terra A
mão do tempo
gastador o guia,
Sobre a lousa a saudade
ainda lhe esparze Flores,

lágrimas, bênçãos, que
consolem Do defensor do
fraco as cinzas frias.

Pobre cruz! Pelejaste mil combates,
Os gigantes combates dos tiranos,
E venceste. No solo libertado,
Que pediste? Um retiro no deserto,
Um píncaro granítico, açoutado
Pelas asas do vento e enegrecido
Por chuvas e por sóis.
Para ameigar-te Este
ar úmido e gélido a
segure

Não foi ferir do
bosque o rei. Do Estio
No ardor canicular
nunca disseste:

«Dai-me, sequer, do
bravo medronheiro O
desprezado fruto!» O
teu vestido

Era o musgo, que tece
a mão do Inverno E
Deus criou para trajar
as rochas.

Filha do céu, o céu era o seu tecto,
Teu escabelo o dorso da montanha.
Tempo houve em que esses braços te
adornava

C'roa viçosa de gentis boninas,
E o pedestal te
rodeavam preces.
Ficaste em breve só, e
a voz humana Fez,
pouco a pouco, junto a
ti silêncio.
Que te importava? As
árvores da encosta
Curvavam-se a
saudar-te, e revoando
As aves vinham
circundar-te de hinos.
Afangava-te o raio
derradeiro,
Frouxo do Sul ao
mergulhar nos mares.
E esperavas o túmulo.
O teu túmulo Devera
ser o seio destas
serras,
Quando, em Gênesis
novo, à voz do Eterno, Do
orbe ao núcleo fervente,
que as gerara, Elas nus
fauces dos bolções
descessem. Então para
essa campa flores,
bênçãos, Ou é saudade

lágrimas vertidas,
Qual do velho
soldado a lousa
pede, Não pediras à
ingrata raça humana,
Ao pé de ti no seu
sudário envolta.

*

Este longo esperar do
dia extremo, No
esquecimento do ermo
abandonada, Foi duro
de sofrer aos teus
remidos, Ó redentora
cruz. Eras, acaso,
Como um remorso e
acusação perene No
teu rochedo alpestre,
onde te viam Pousar
tristonha e só? Acaso,
à noite,

Quando a procela
no pinhal rugia,
Criam ouvir-te a voz
acusadora
Sobreelevar à voz da
tempestade? Que
lhes dizias tu? De
Deus falavas, E do
seu Cristo, do divino

mártir,
Que a ti, suplício e
afronta, a ti maldita
Ergueu, purificou,
clamando ao servo, No
seu transe: «Ergue-te,
escravo! És livre, como
é pura a cruz da
infâmia. Ela vil e tu vil,
santos, sublimes
Sereis ante meu Pai.
Ergue-te, escravo!
Abraça tua irmã:
segue-a sem susto No
caminho dos séculos.
Da Terra Pertence-lhe
o porvir, e o seu triunfo
Trará da tua liberdade
o dia.»

Eis porque teus irmãos
te arrojam pedras, Ao
perpassar, ó cruz!
Pensam ouvir-te Nos
rumores da noite, a
antiga história
Recontando do
Gólgota,
lembrando-lhes Que só
ao Cristo a liberdade
devem,

E que ímpio o povo ser é
ser infame. Mutilado por
ele, a pouco e pouco, Tu
em fragmentos tombarás
do cerro, Símbolo
sacrossanto. Hão-de os
humanos Aos pés
pisar-te; e esquecerás
no mundo. Da gratidão a
dívida não paga
Ficará, ó tremenda acusadora,
Sem que as faces lhes
tinja a cor do pejo; Sem
que o remorso os
corações lhes rasgue. Do
Cristo o nome passará na
Terra.

*

Não! Quando, em pó
desfeita, a cruz divina
Deixar de ser perene
testemunha
Da avita crença, os
montes, a espessura, O
mar, a Lua, o murmurar
da fonte, Da natureza as

vagas harmonias,
Da cruz em nome, falarão do Verbo.

Dela no pedestal, então deserto,
Do deserto no seio, ainda o poeta
Virá, talvez, ao pôr do
Sol sentar-se; E a
voz da selva lhe dirá
que é santo Este
rochedo nu, e um
hino pio

A solidão lhe ensinará e a noite.

Do cântico futuro unta toada
Não sentes vir, ó cruz, de
além dos tempos Da
brisa do crepúsculo nus
asas?

É o porvir que te proclama eterna;
É a voz do poeta a saudar-te.

*

Montanha do Oriente,
Que, sobre as nuvens
elevando o cume,
Divisas logo o Sol,
surgindo a aurora, E
que, lá no Ocidente,
Última vez seu radioso lume,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Rochedo, que descansas

No promontório nu e solitário,
Como atalaia que o
oceano explora,
Alheio às mil
mudanças
Que o mundo agitam
turbulento e vário, Em
ti minha alma a eterna
cruz adora.

Sobros, robles frondentes,

68

www.nead.unama.br

Cuja sombra procura o
viandante, Fugindo ao
Sol a prumo que o
devora, Nesses dias
ardentes
Em que o Leão nos
céus passa radiante,
Em ti minha alma a
eterna cruz adora.

Ó mato variado,
De rosmaninho e
murta entretecido,
De cujas tênues
flores se evapora
Aroma delicado,
Quando és por leve

aragem sacudido, Em
ti minha alma a eterna
cruz adora.

Ó mar, que vais quebrando
Rolo após rolo pela praia fria,
E fremes som de
paz consoladora,
Dormente
murmurando
Na caverna marítima sombria,
Em li minha alma a eterna cruz adora.

Ó Lua silenciosa,
Que em perpétuo volver.
seguindo a Terra,
Esparzes tua luz
ameigadora
Pela serra formosa,
E pelos lagos que em
seu seio encerra, Em ti
minha alma a eterna
cruz adora.

Debalde o servo ingrato
No pó te derribou
E os restos te insultou,
Ó veneranda cruz:

Embora eu te não veja
Neste ermo pedestal;
És santa, és imortal;
Tu és a minha luz!

Nas almas generosas
Gravou-te a mão de Deus,
E, à noite, fez nos céus
Teu vulto cintilar.

Os raios das estrelas
Cruzam o seu fulgor;
Nas horas do furor
As vagas cruza o mar.

Os ramos enlaçados
Do roble, choupo e til
Cruzando em modos mil,

69

www.nead.unama.br

Se vão entretecer.

Ferido,
abre-o
guerreiro Os
braços, solta
um ai, Pára,
vacila, e cai
Para não mais se erguer.

Cruzado
aperta ao
seio A mãe o
filho seu,
Que busca,

mal nasceu,
Fontes da
vida e amor.

Surges;
símbolo
eterno, No
Céu, na Terra
e mar, Do
forte no
expirar, E do
viver no alvor!

FIM

